



Centro Universitário de Brasília - CEUB  
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES  
Curso de Psicologia

**ÍCARO MOISÉS FERREIRA DE MATOS**

**MELANCOLIA, SUICÍDIO E OS IMPASSES DOS PROCESSOS SUBLIMATÓRIOS  
NA VIDA E OBRA DE TORQUATO NETO**

Brasília  
2023

**ÍCARO MOISÉS FERREIRA DE MATOS**

**MELANCOLIA, SUICÍDIO E OS IMPASSES DOS PROCESSOS SUBLIMATÓRIOS  
NA VIDA E OBRA DE TORQUATO NETO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Professora Orientadora: Me. Lívia Campos e Silva

Brasília

2023

**ÍCARO MOISÉS FERREIRA DE MATOS**

**MELANCOLIA, SUICÍDIO E OS IMPASSES DOS PROCESSOS SUBLIMATÓRIOS  
NA VIDA E OBRA DE TORQUATO NETO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Brasília, 27 de junho de 2023.

**Banca examinadora**

---

Professora Orientadora: Me. Livia Campos e Silva

---

Examinador: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

---

Examinador: Prof. Dr. Guilherme Henderson

Os deuses que me perdoem!  
Que venha o tempo humano e suas dores,  
Que caia a serena mortalha dos templos  
Cedendo lugar à voragem e suas cores.

Os deuses que me perdoem!  
Por não poder mais neles empenhar  
Minha liça, meu tempo e meus amores.

Os deuses que se perdoem!!!

Sou o andrógino enamorado de si  
meio deus e meio bicho,  
O ser clivado, o ser sendo...  
Sou o ser do meio  
Meio **CHEIO**, meio .  
Sou o ●  
Por onde o mistério flui  
Silencioso, fatal...  
E sou a fragilidade do ser consciente,  
Inconstante e ambivalente,  
Morrendo e nascendo...  
Girando e gritando no vórtice da existência  
Louco e inebriado pela minha lucidez.

Sou o que se quis ser  
E, sobretudo, o que não se pode ser.  
Sou o que se detesta e sou meta,  
O intolerável e o desejável,  
Abjeto e objeto.  
Sou invisível por me fazer presente,  
Iluminado por minha opacidade,  
O jugo do olhar alheio e a trave.

Sou a contradição sem fala  
E o alarido sem sentido,  
A sombra solar e o luzir da noite.  
Sou o ilimitado no meu finito ser que  
Na impossibilidade de saber o que sou,  
inventa os deuses e o humano.

Ícaro Matos, 26/10/2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram desta epopeia, aos que tanto se sacrificaram neste processo de realização pessoal. A vocês meus amores, obrigado pela tolerância e pela atenção, mesmo quando minha presença se fazia débil e lassa.

Ao meu avô que por volta dos 90 anos de idade ouviu o irresistível chamado do saber e empreendeu o esforço de se alfabetizar e cujo maior sonho, confidenciado à minha mãe, era ser acadêmico. Que me ensinou a ser humilde e ainda sim andar de cabeça erguida. A ter coragem e resiliência diante da provação e a manter a esperança sempre viva. Obrigado meu avô! Saudade imensa de ti, esse trabalho é para o senhor.

Sou grato aos professores: Lívia, Juliano, Guilherme, Morgana e Tânia que me fizeram gostar de psicanálise. Também agradeço aos professores Simone, Morgana, Leonardo, Otávio, Luciana, Fádua, Miriam, Rodrigo, Tânia, Polyanna, Carlos Augusto, dentre outros, que participaram dessa jornada acadêmica. A vocês que, sempre dedicados, se colocaram à minha disposição se esforçando para fazer o bem, extraindo o melhor de cada um dos discentes, que deixaram de lado o comodismo dos benevolentes e buscaram elevar o espírito dos alunos e que vislumbraram o esforço recompensador que somente os devotados à docência e ao estudo compreendem.

O que seria de mim sem alguns companheiros e amigos que caminharam ao meu lado? a todos muito obrigado. Vocês foram demais! Estar com cada um, tornou esta viagem muito mais agradável e leve, tenham certeza que conviver com vocês me fez um ser humano melhor.

Por fim, gostaria de tecer um agradecimento especial à minha amada esposa, que ao longo destes anos me apoiou com toda ternura e sem hesitação, elevando-me e me fortalecendo com sua generosidade. Te amo imensamente... Muito obrigado por tudo Patrícia!

## RESUMO

A presente pesquisa em psicanálise, se propõe a investigar e problematizar o fenômeno da melancolia, do suicídio e dos impasses dos processos sublimatórios a partir da vida e obra do poeta, jornalista e compositor Torquato Neto. Também tentaremos refletir se o trabalho analítico poderia se apresentar como uma alternativa ao sofrimento psíquico do sujeito criativo que se encontra em desespero quando sua arte se faz insuficiente para aliviá-lo da angústia e da desilusão que a mesma pode desencadear. Ao refletirmos sobre o tema, é intrigante constatar a dissonância dos processos sublimatórios diante das experiências individuais, pois enquanto existem sujeitos que por meio de suas obras conseguem investir parte de sua libido no ato de criação permitindo alguma circulação pela vida, existem outros que sucumbem diante da melancolia e intensificam sua dor através do ato criativo que ao final lhes revela algo insuportável: a precariedade do simbólico diante da falta e do desamparo. Por outro lado, esta falta/desamparo que tanto nos assombra, é justamente a condição para o exercício da liberdade, da criação e do amor. Por meio da presente pesquisa, procuraremos refletir a eficácia e os limites da sublimação como mecanismo de defesa. Também tentaremos refletir sobre o papel da sublimação dentro do trabalho analítico, se dentro deste contexto haveria uma possível saída para a melancolia e as inclinações suicidas. Nos resultados e discussões procedeu-se uma análise do discurso de parte da produção literária de Torquato Neto, seus impasses e angústias diante do contexto da segunda ditadura militar brasileira, seus conflitos frente à desilusão e a perspectiva de um futuro brutal que se anunciava, sua inquietação poética e o reconhecimento dos limites da língua como instrumento de luta e de alívio para o desamparo.

**Palavras-chave:** Melancolia; Suicídio; Sublimação; Psicanálise; Torquato Neto.

## ABSTRACT

This research in psychoanalysis proposes to investigate and problematize the phenomenon of melancholy, suicide, and the impasses of sublimatory processes from the life and work of the poet, journalist, and composer Torquato Neto. We will also try to reflect on whether the analytical work could be presented as an alternative to the psychic suffering of the creative subject who finds himself in despair when his art is insufficient to relieve him of the anguish and disillusionment that it can trigger. When we reflect on the theme, it is intriguing to see the dissonance of the sublimatory processes in the face of individual experiences, because while there are subjects who, through their works, manage to invest part of their libido in the act of creation, allowing some movement through life, there are others who succumb to the of melancholy and intensify their pain through the creative act that in the end reveals something unbearable to them: the precariousness of the symbolic in the face of lack and helplessness. On the other hand, this lack/helplessness that haunts us so much is precisely the condition for the exercise of freedom, creation, and love. Through this research, we will try to reflect the effectiveness and limits of sublimation as a defense mechanism. We will also try to reflect on the role of sublimation within the analytical work, if within this context there would be a possible way out of melancholy and suicidal inclinations. In the results and discussions, an analysis of the discourse of part of Torquato Neto's literary production was carried out, his impasses and anxieties in the context of the second Brazilian military dictatorship, his conflicts in the face of disillusionment and the perspective of a brutal future that was announced, his poetic restlessness and the recognition of the limits of the language as an instrument of struggle and relief for helplessness.

**Keywords:** Melancholy; Suicide; Sublimation; Psychoanalysis; Torquato Neto.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>METODOLOGIA</b> .....	15
<b>CAPÍTULO I – SOBRE MELANCOLIA</b> .....	20
<i>1.1. A falha narcísica na constituição do Eu e a tirania do supereu no melancólico ..</i>	20
<i>1.2. A relação entre o delírio de inferioridade freudiano e a forclusão do Nome-do-Pai lacaniana</i> .....	23
<b>CAPÍTULO II – SOBRE SUBLIMAÇÃO</b> .....	27
<i>2.1. Sublimação: conteúdo ou continente da falta? As distinções do conceito de sublimação entre Freud e Lacan</i> .....	31
<i>2.2. O potencial transformador dos processos sublimatórios na poesia e no contexto analítico</i> .....	33
<i>2.3. A Biografia de Torquato Neto</i> .....	43
<b>CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	48
<i>3.1. A morte como mote e resistência</i> .....	48
<i>3.1.1. Tempo de morte e melancolia</i> .....	50
<i>3.1.2. Morte com hora marcada?</i> .....	51
<i>3.2. A palavra e a coisa</i> .....	53
<i>3.3. Um ensaio psicanalítico</i> .....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	66



## INTRODUÇÃO

O suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial decorrente de aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e psicológicos. Dados extraídos da folha informativa sobre suicídio da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que atualmente, a cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio no mundo e, anualmente, 800 mil pessoas tiram a própria vida, sendo esta a segunda principal causa de morte entre jovens com idade de 15 a 29 anos. No Brasil, de acordo com o Boletim Epidemiológico 33<sup>1</sup>, publicado em setembro de 2021 pelo Ministério da Saúde, entre 2010 e 2019 ocorreram 112.230 mortes por suicídio, com um aumento de 43% no número anual de mortes, de 9.454 em 2010 para 13.523 em 2019. O boletim indica um crescimento significativo das taxas de suicídio entre jovens.

No contexto em que vivemos, caracterizado pelo excesso, pela presença de uma miríade de objetos de consumo e pela presença das tecnologias digitais que permitem relacionamentos descartáveis, as pessoas se vêem reféns de novos imperativos que determinam a conduta, homogenizam a forma de pensar e sentir o mundo, criam novos e inexauríveis objetos de fetiche, submetem o ser humano à lógica de funcionamento das máquinas e comprimem e suprimem o tempo do desejo tornando a ação movida pela compulsão.

De acordo com Kaufmann (2005) a avalanche de objetos e ofertas acaba por obliterar a via do desejo, a cada reencontro com a falta o mundo do consumo oferece um objeto para preencher. Neste sentido, sugere-se a promessa ilusória de que não há mal-estar que não possa ser anestesiado por um objeto de consumo. Tal dinâmica retira do sujeito a responsabilidade de produzir simbolicamente sobre o mundo que o cerca, de reinventar a vida através da fala, vicejando o silêncio. Lembro-me de uma entrevista de Gessinger (2022) que ilustra bem isso, em que afirmava que no seu tempo, frente ao vazio e ao tédio, a moçada se juntava pra formar uma banda e fazer música, mas que nos tempos atuais ela prefere jogar vídeo game.

A substituição das experiências subjetivas e relações qualitativas por experiências superficiais oferecidas pelo mercado ou pela dinâmica das tecnologias digitais marcadas pela instantaneidade e obsolescência está levando o ser humano à renúncia da sua condição de produtor ativo da realidade e, conseqüentemente, ao esvaziamento de si. Uma vez esgotada a sua capacidade de experimentar satisfação pelos objetos de consumo e descarte, pois tudo que é fruído em excesso enoja, só nos resta a produção simbólica para lidar com a falta. Contudo, se nossa capacidade subjetiva se encontra demasiadamente atrofiada pela falta de prática, num

---

<sup>1</sup>Dados do Boletim Epidemiológico 33 - Secretaria de Vigilância em Saúde - Ministério da Saúde. Volume 52, setembro de 2021.

átimo de desespero podemos sucumbir ao chamado do silêncio derradeiro do autoextermínio. Neste sentido faz-se indispensável pensar tais hábitos e o quanto o espólio da vida humana pela lógica capitalista de produção e consumo está nos levando ao adoecimento social.

Tanto o boletim do Ministério da Saúde quanto a folha informativa da OMS, esclarecem que há uma conjunção de fatores relacionados ao comportamento suicida, como os sentimentos de tristeza, desesperança, depressão, ansiedade, baixa autoestima, auto lesão, isolamento social, ausência suporte familiar etc, destacando a estreita relação entre o suicídio e os transtornos mentais, em particular, a melancolia.

Mas o que a psicanálise tem a dizer sobre a relação entre a melancolia e o suicídio? Um bom ponto de partida para refletir sobre estas questões é o trabalho “Luto e Melancolia” de Sigmund Freud (1917). Neste tratado, Freud sugere que na melancolia há o retorno, sobre o próprio sujeito, de suas pulsões agressivas. Para esclarecer seu ponto de vista, faz uma análise comparativa entre a melancolia e o luto, explicando que nestes dois fenômenos o sofrimento psíquico decorre da perda de um objeto de amor para o qual o sujeito direciona parte de sua energia pulsional. Contudo, haveria um traço distintivo entre eles, pois enquanto no luto, o sujeito, consciente da perda do objeto de amor real, sabe que precisa desinvestir sua energia libidinal (do objeto perdido) e redirecioná-la, na melancolia ele se recusa a reconhecer a perda, impossibilitando a vivência do luto, sua simbolização e a reorientação da pulsão, fazendo com que o objeto de amor perdido se desloque para o inconsciente fundindo-se no Eu por meio de um processo de identificação narcísica. Assim, o autoflagelo e o ato suicida não seriam uma ofensiva do sujeito contra si mesmo, mas uma tentativa de aniquilar esta falta inconsciente do objeto outrora amado e agora internalizado no Eu.

Partindo das suas observações clínicas, Freud (1910) propõe uma possível via de alívio ao sofrimento psíquico, que denominou de processos sublimatórios. Inicialmente, concebeu o fenômeno da sublimação como um dos destinos possíveis da pulsão sexual para um alvo não sexual pela via do desenvolvimento de atividades criativas e socialmente valorizadas (arte, religião, ciência etc). Estes recursos simbólicos teriam a capacidade de transmutar as pulsões sexuais e proporcionar descarga suficiente de tensão para promover satisfação, bem-estar e nos livrar do desamparo.

Entretanto, estes efeitos positivos dos processos sublimatórios não parecem ser universais, visto que para algumas pessoas não verificamos os mesmos resultados, pelo contrário, ao expressar o afeto em busca do último grau de intensidade, o sujeito em criação parece afrontar o recalque com máxima rebeldia e radicalidade aumentando a tensão psíquica e o sofrimento.

Neste sentido, é possível citar inúmeros exemplos de artistas e pensadores brilhantes que experimentaram o travar da existência sem, contudo, poder encontrar alívio suficiente nos seus processos sublimatórios, como o escritor americano Ernest Hemingway que, após enfrentar sérios problemas com álcool e depressão, atirou contra a própria cabeça com uma espingarda depois de ser liberado de uma clínica de tratamento. Ou a escritora Sylvia Plath, que aos 30 anos de idade suicidou-se inalando gás de cozinha deixando dois filhos pequenos. Ou ainda o músico, pintor e compositor Arnaldo Baptista que após várias crises melancólicas tentou o suicídio atirando-se da janela de um hospital psiquiátrico.

Nos exemplos acima, podemos pensar que os processos sublimatórios parecem desencadear um lado disfuncional, que ao invés de permitir a descarga, intensificam a tensão revelando-se, também, como um recurso potencialmente perigoso pela natureza destrutiva dos elementos que o compõem e o desencadeiam que, uma vez mobilizados, são capazes de impulsionar o sofrimento psíquico e levar o sujeito ao desespero.

A escritora Sylvia Plath (2000), em seu poema “Bondade” publicado no livro *Poemas de Sylvia Plath*, afirmava que a poesia é um jato de sangue incontível em referência ao sofrimento presente na escrita. Para a autora a escrita era muito mais do que arranjos de palavras, era, antes, uma experimentação intensa da vida, sangue jorrando aos borbotões. Carvalho (2006) sugere que Plath reconhecia o caráter insuficiente da linguagem e dos processos sublimatórios para conter os elementos destrutivos que a escrita despertava quando afirmou em seu diário que “inundação não poderia ser contida pelo polegar da palavra<sup>2</sup>”.

Tendo isso em vista, é possível pensar que tais escritores, para extrair de sua alma a potência necessária para seus textos, se aproximavam e exploravam seus tormentos, os dissabores das suas existências sem quaisquer reservas e de forma implacável. Contudo, com o passar do tempo, vão se dando conta dos limites dos processos sublimatórios para encontrar abrigo e estancar o jorro violento das suas pulsões inconscientes, que uma vez liberadas, podem enveredar pelo caminho do sofrimento e da destruição.

Nietzsche (1950, p.17) afirmava que alguns artistas eram tomados pelo espírito ditirâmico de Dionísio, prontos para aceitar a dureza da existência: “É melhor ter o caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançante”. No entanto, uma vez confrontados com os limites da linguagem tais artistas parecem ficar expostos ao perigo de morte como último ato. De acordo com Carvalho (2005, p. 79), “se há triunfo na criação literária, há também o risco de uma

---

<sup>2</sup> PLATH, S. *The unabridged journals of Sylvia Plath*. Nova York: Anchor Books, 2000.

contenção mortífera diante da precariedade da rede simbólica com o qual o escritor procura suturar o abismo entre a experiência afetiva e a simbolização”.

Considerando o exposto até aqui, faz-se necessário perguntar: qual a eficácia e quais os limites da sublimação como mecanismo de defesa e alívio? Em que medida os processos criativos são realmente suficientes para conter esses impulsos destrutivos? Os processos sublimatórios, ao contrário, podem em alguma medida potencializar a pulsão de morte e o sofrimento psíquico? Há uma natureza da melancolia e do impulso suicida? Qual o papel da sublimação dentro da análise? A sublimação pode servir como mecanismo estruturador para o sujeito melancolizado?

Posto isso, este trabalho pretende investigar a partir dos conceitos psicanalíticos de sublimação, melancolia, pulsão de morte/vida e da análise da obra e vida do jornalista, escritor e compositor brasileiro Torquato Neto, a relação entre ato criativo e as tendências pulsionais destrutivas intrínsecas aos processos subjetivos humanos e refletir sobre possíveis saídas para a melancolia a partir da experiência clínica de uma análise. Em outras palavras, trata-se de examinar se o ato criativo mais espontâneo e menos intelectualizado, aquele que surge do inconsciente poderia contribuir para o estímulo ou o desgosto pelo viver. A psicanálise poderia contribuir para este processo? Poderia contribuir para direcionar a energia libidinal para alvos não sexuais, que sejam suficientes para promover alívio e permitir o fluxo desta energia para novos objetivos? Quais os limites de uma travessia efetuada por uma análise?

Após esta exposição inicial, ainda se faz necessário realizar uma reflexão sobre a singularidade das experiências vividas pelo sujeito em sofrimento. Por mais que a ciência e a psicanálise tenham tentado luzir o caminho da compreensão da melancolia, do suicídio e da sublimação, há sempre algo de inapreensível, seja pelo limite dos recursos simbólicos de que dispomos, seja pela singularidade da experiência vivida por cada um. Neste sentido, o presente trabalho não se pretende totalizante, tampouco visa oferecer uma solução definitiva para estas questões, pelo contrário, antes de tudo o que se pretende é problematizar, provocar reflexões e amplificar nossas cadeias de sentido sobre a experiência de sofrimento e a ressonância de seus desdobramentos, subvertendo o tabu que o liga ao silêncio. Sendo assim, acreditamos que o sofrimento psíquico e, especialmente, o suicídio é uma experiência heterogênea e suas motivações são variadas e para podermos compreendê-los é preciso estabelecer uma escuta singular e interessada. Se há dor, a dor precisa ter voz e precisa ser escutada.

Através da fala, das relações entre significantes, extrai-se o sentido da experiência. A fala permite ao sujeito que sofre dar nome ao seu sofrimento e, neste processo, a escuta do sofrimento é fator de proteção. De acordo com Dunker (2021, p.32), “a escuta do sofrimento é

o tratamento espontâneo, natural e social que dispomos para enfrentar o suicídio. O sofrimento mal tratado evolui para sintomas, o quando os sintomas não bastam para nos separar da angústia somos tentados a passar ao ato<sup>3</sup>”.

Como seres constituídos de linguagem, somos convocados permanentemente a construir e transformar o mundo à nossa volta. Esta dinâmica nos torna demiurgos no esforço, através dos nossos processos simbólicos e sublimatórios, de nos transgredir e atribuir novos sentidos à própria experiência de falta a partir do encontro com o outro. Neste sentido creio que pensar os processos sublimatórios pode nos oferecer um caminho interessante para se reconhecer os limites e potenciais da linguagem dentro da clínica e, através do encontro com a teoria psicanalítica, ampliar o debate e a compreensão deste fenômeno como recurso analítico, especialmente diante do sujeito melancólico, que isolado em seu delírio de inferioridade e desinvestido de pulsão sexual, se recusa ao encontro com a alteridade.

Neste sentido, o presente estudo poderá contribuir para a reflexão acerca da singularidade do sofrimento psíquico na estrutura melancólica e como isso ocorre nos processos criativos. Ainda que a teoria psicanalítica consiga traçar certa arquitetura teórica sobre a formação e origem da melancolia, do suicídio e da sublimação, entendo que este tema continua em aberto, sobretudo para criação de novas propostas de atuação clínica e cuidados a partir do encontro com a singularidade de cada história de sofrimento. Ao refletirmos sobre o tema, é intrigante constatar a dissonância dos processos sublimatórios diante das experiências individuais, pois enquanto existem sujeitos que por meio de suas obras conseguem investir parte de sua libido no ato de criação aliviando o Eu da ação sádica do supereu e permitindo alguma circulação pela vida, existem outros que sucumbem diante da melancolia e intensificam sua dor através do ato criativo que ao final lhes revela algo insuportável: a precariedade do simbólico diante da falta.

Sinceramente, fico com a impressão que estas pessoas foram historicamente negligenciadas por serem consideradas degeneradas ou excêntricas. Enquanto sentiam dor verdadeira, se esvaziavam e se martirizavam diante de um espectro que lhes assombravam. Neste sentido, acho que a psicanálise pode e deve exercer uma importante contribuição, empregando suas técnicas para levar cuidado, abrir espaços para a subjetivação através de uma escuta que esteja à altura deste sofrimento, ainda que seja uma escuta trágica e, quem sabe,

---

<sup>3</sup> A propósito do suicídio, Alessandri (2018), citando Nasio (1992), esclarece que há um suicídio que não é um ato, mas sim, uma ação que ultrapassa a intenção do sujeito. Trata-se de casos em que a pessoa, motivada por impulso desesperado, atenta contra a própria vida, e há um suicídio que é ato, no qual o corpo é levado a um extremo de sua capacidade de gozar pela autoimolação.

nesses espaços de fala o sujeito criativo possa se abrir para o desejo e nesse encontro produzir novos sentidos para sua experiência.

Assim, para investigação dos fenômenos da sublimação, melancolia e do suicídios e para tentar entender seus pontos de interseção, serão tomados como referenciais teóricos a psicanálise freudiana e lacaniana. Transitaremos por diversos conceitos como ato falho, pulsão de vida e morte, falta, significante, narcisismo, etc e, ao final, feremos uma análise de algumas obras de Torquato Neto à luz da teoria estudada na tentativa de lançar alguma luz sobre as possíveis motivações para o seu suicídio.

## METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza por não pretender formular conclusões universalizantes, pelo contrário, procura-se reconhecer a singularidade e os aspectos subjetivos da experiência humana e a complexidade dos fenômenos estudados. Ao considerar a singularidade e a complexidade, afasta-se a intenção de se “descobrir” um saber que corresponda de forma absoluta e precisa com o fenômeno estudado cedendo lugar à noção de “produção/construção” em pesquisa. Nesta perspectiva o pesquisador abre-se para uma miríade de possibilidades de realizar o saber promovendo avanço contínuo e criando novas zonas de sentido e de tensão. A realidade, na pesquisa qualitativa, é entendida como um domínio infinito de campos inter-relacionados, todos permeados e mediados pela linguagem, pelo discurso e pelas interpretações dos sujeitos que a percebem a partir de suas idiossincrasias. De acordo com Minayo (2019) a análise qualitativa não é meramente a classificação da opinião dos sujeitos de pesquisa, é uma busca pela compreensão e interpretação à luz da teoria dos sentidos e da singularidade do discurso.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foi realizada uma análise da biografia, canções e poemas do escritor Torquato Neto por meio do método da Análise do Discurso. Orlandi (2009) esclarece que, ao se empregar o método de análise do discurso, não se deve tratar a fala e sua estrutura gramatical, estanque e superficial, ele visa o discurso fluido e vivo, dentro do seu contexto histórico e cultural, observando-se a dimensão simbólica, as cadeias de significantes e a capacidade do indivíduo atribuir sentido à sua experiência no mundo enquanto sujeito. Pressupõe-se, portanto, que muitas vezes até mesmo para o sujeito da fala, a linguagem não é transparente, o discurso surge da falha na estrutura da linguagem e da ideologia que não podem ser expressos e que subjazem no inconsciente.

O método interpretativo da Análise do Discurso foi concebido por Michel Pêcheux, nos anos 60, e procura pensar o discurso atravessado por três domínios disciplinares a saber: a Linguística, o Materialismo Histórico marxista e a Psicanálise. De acordo com Orlandi (2009) a articulação entre estas três áreas do conhecimento não é unívoca, pelo contrário, mesmo como estrutura funcionam como sistemas descentrados, ambíguos, tendo em vista que aquele que discursa é um sujeito cindido.

Assim, pela presença do sujeito inconsciente (Psicanálise), Orlandi (2009) esclarece que para a Análise do Discurso a língua (Linguística) tem sua ordem, mas é apenas relativamente autônoma, enquanto a história (Marxismo) tem seu real afetado pelo simbólico, pois os fatos reclamam sentindo convertendo-se em acontecimentos. Articulando estas três áreas do

conhecimento, a Análise do Discurso se voltará para o “discurso” como um fenômeno distinto da fala ou da comunicação que são recurso de mera transmissão de informação ou mensagem, concebidos teoricamente como sistemas estruturantes, estanques e inequívocos pela dinâmica emissor + mensagem (codificada) + receptor. A ideia de discurso é concebida como “processo” em que existe uma estrutura pré-estabelecida, sim, mas descentrada, apenas relativamente autônoma, sujeita a equívocos, limites e a ambiguidades da linguagem, às contradições da ideologia e ao inconsciente do sujeito que discursa e que, na indeterminação e nas dissonâncias destas falhas, é transformado.

Portanto, o conceito de sujeito na Análise do Discurso é central para se entender o discurso e de onde vem a sua força para transformar permanentemente as estruturas da linguagem e da ideologia. Ferreira (2005) afirma que o sujeito não está dado, nem tampouco nasce ou se desenvolve, mas é construído e no desdobramento do seu pensamento, conclui que o sujeito é construído pela linguagem.

Evocando a imagem do nó borromeano de Lacan, Ferreira (2005) propõe a construção da noção de sujeito pela relação de interdependência entre linguagem, ideologia e psicanálise. Para o autor o sujeito seria afetado por estas três dimensões, mas por outro lado as afetando também, deixando em cada uma delas um furo, próprio da sua tendência ao devir e a incompletude de um ser-em-falta (falta a ser). Portanto, o sujeito deixaria um furo na linguagem representado pelo equívoco; na ideologia, representado pela contradição; e um furo na psicanálise, representado pelo inconsciente.

Ferreira (2005) explica que Lacan deu um nome a esta falta “o objeto a”, ou seja, um objeto perdido que o sujeito busca reencontrar como causa do desejo. Neste sentido, a falta inconsciente também é fundadora do sujeito. Logo, a concepção de sujeito proposta pela Análise do Discurso afasta-se da concepção cartesiana de um sujeito centrado, consciente e senhor dos seus atos para aproximar-se da ideia de um sujeito clivado, assujeitado pela linguagem, pelas condições histórico sociais de seu tempo (ideologia) e pelo furo inconsciente.

Por fim, convém esclarecer o que é o método psicanalítico de se fazer pesquisa. Minerbo e Figueiredo (2006) esclarecem a diferença de pesquisa em psicanálise de maneira ampla e a pesquisa em psicanálise com método psicanalítico. Enquanto a primeira se refere ao conjunto de atividades de pesquisa realizadas por qualquer profissional voltados para produção de conhecimento em áreas diversas a partir da apropriação de conceitos da psicanálise (ex. cinema ou sociologia), o segundo caso exige a presença de um profissional de psicologia para analisar um tema específico, cujo propósito é ampliar e produzir novidades para o próprio ramo de conhecimento da psicanálise.



Outra característica marcante do método psicanalítico é que o pesquisador e o sujeito de pesquisa não saem ilesos aos processos de análise e interpretação dos fenômenos estudados, transformando-se à medida que avançam nas suas elaborações. Tal método não pressupõe um traço do fenômeno a ser “descoberto”, ao contrário, oportuniza-se a interpretação e produção de conhecimento, lançando um olhar criativo e diferenciado sobre o fenômeno, em outras palavras, pesquisador e sujeito de pesquisa são ativos.

Minerbo e Figueiredo (2006) explicam que o olhar do psicanalista é um olhar atípico, que desopacifica o objeto e que leva o sujeito a se transformar na medida em que se torna capaz de ver coisas que não via antes. Na “falta a ser” dos sujeitos envolvidos (pesquisador e pesquisado) abre-se uma fenda nas estruturas da linguagem e possibilita a leitura singular do discurso, abrindo-se possibilidades de interpretações mais genuínas ao que os autores denominaram de texto descoberto e inventado.

Contudo, esta disposição de revelar-se e de produção entre pesquisador e pesquisado não seria possível sem vínculo, sem a ocorrência das relações transferenciais e contratransferenciais, nos quais os sujeitos envolvidos projetam parte de sua energia pulsional no processo de pesquisa. Frente às estas características do método psicanalítico Minerbo e Figueiredo (2006) afirmam que, portanto, neste método operam simultaneamente a lógica do consciente, da razão, do controle, da estrutura e a lógica do inconsciente marcada pelos afetos, as emoções, o dever, a falta, a ambiguidade, o incomensurável. É nesta lógica que opera a dimensão criativa da invenção que estimula o discurso e o enriquece.

Vale esclarecer que as interpretações do discurso (fala, textos, diários, poesias etc) não se dão de forma arbitrária, elas são pautadas nas teorias psicanalíticas e vão se constituindo a partir das exigências solicitadas pela própria análise e pelo processo. Minerbo e Figueiredo (2006) destacam ainda que o método psicanalítico não procura revelar “A Verdade”, pois a verdade da interpretação é sempre relativa e provisória, pois é imbuída de singularidade e está sujeita ao seu contexto sócio-histórico. Sendo assim, o “Método Psicanalítico” e a “Análise do Discurso” encontram pontos de interseção, pois organizam-se a partir da estrutura da linguagem, do contexto sócio-histórico do sujeito que fala e suas ideologias, e da psicanálise, encontrando nos furos destas áreas de conhecimento, espaço para a criatividade e a singularidade emergirem produzindo novos sentidos e “verdades” para os fenômenos estudados.

Frente às estas hiências da linguagem e da dimensão inconsciente que nos move, procuramos empreender um esforço a partir de conceitos e do método psicanalítico para tentar encontrar alguns elementos no discurso do poeta que sirvam para entender um pouco sua

dinâmica psíquica e constituição subjetiva incluindo os elementos que o atormentavam e o levaram ao suicídio.

### **Procedimentos de coleta do material.**

O procedimento de coleta de material foi realizado a partir de uma pesquisa documental relativa às obras do escritor Torquato Neto. Este tipo de pesquisa utiliza-se de fontes primárias de dados que ainda carecem de tratamento analítico e científico. Segundo Pádua (1997) a pesquisa documental é realizada por meio de documentos contemporâneos ou retrospectivos considerados autênticos, recorrendo a fontes diversificadas e dispersas como cartas, filmes, reportagens, diários, etc. Estes documentos servem para contextualização histórica, cultural, político e social e para melhor compreensão do sujeito de pesquisa, contribuindo para uma análise mais qualitativa dos dados.

Na seção intitulada “A biografia de Torquato Neto” apresentamos aspectos importantes da trajetória de vida e das inclinações artísticas e intelectuais do nosso sujeito de pesquisa. Como artista revolucionário, sua obra subverte as estruturas do seu tempo propondo uma nova visão de mundo e das artes a cada novo ato. Lage (2010) afirma que Torquato Neto é o poeta do intervalo, do trânsito, da passagem. Sua obra é o espaço material e simbólico construído por uma linguagem em fluxo.

Torquato foi um artista experimental, um expoente da contracultura e da poesia marginal, defensor das manifestações de vanguarda como o movimento “Tropicália” e o Cinema Marginal, que se opunham radicalmente ao processo brutal de inumação imposto pela ditadura militar ao povo brasileiro, oferecendo uma visão alternativa e utópica da realidade.

Mas a utopia na poética de Torquato Neto por vezes torna-se distópica, rendendo-se a consciência e a desilusão de uma realidade precária, cheia de contradições e vileza. A utopia encontra o seu limite nesta condição que não pode ser ignorada. Essa impotência do sujeito constituinte expõe o desamparo diante de um mundo insuportável.

Faço força em esconder o sentimento  
Do mundo triste e feio que eu vejo.  
Tento esconder de todos o desejo  
Que eu não sinto em viver todo o momento  
(NETO, Soneto da Contradição Enorme, 2017, p. 98).

É nos meandros deste sujeito complexo e da sua obra singular e revolucionária que pretendemos investigar a melancolia, a sublimação e o suicídio. Para isso, selecionamos, as

seguintes obras para análise: 1) A biografia do escritor intitulada “Pra mim chega” de autoria de Toninho Vaz e 2) “Torquato Neto Essencial” organizado por Italo Moriconi que reúne poesias, canções, cartas, prosa e outros, além de um diário da sua internação no Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro em 1970.

Para o levantamento dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos: i) levantamento bibliográfico de Torquato Neto, ii) levantamento da literatura psicanalítica sobre o tema estudado iii) a seleção, catalogação, fichamento, produção de resenhas e sistematização das obras analisadas; ii) Seleção e organização dos dados relevantes da bibliografia do escritor; iii) levantamento de fatos considerados relevantes do contexto cultural, político e social; iv) seleção e arquivamento de comentário de pesquisadores e especialistas das obras.

### **Procedimentos de análise do material.**

De posse dos dados coletados e estruturados, foi dedicado esforço para analisá-los à luz da teoria psicanalítica e da metodologia da análise do discurso, visando a melhor apropriação possível da dimensão simbólica.

O material obtido ao longo desta pesquisa foi analisado a partir dos seguintes procedimentos: (i) identificação das posições subjetivas no discurso do escritor, de forma a apreender aquilo que é trazido em suas falas e posicionamentos, considerando, também, o que pode-se entender por sofrimento psíquico e como interpretava o fenômeno em suas respectivas realidades; (ii) localização das repetições temáticas, a fim de verificar o que é dado com mais intensidade e frequência, as paráfrases, metáforas e metonímias, nos atentando para o que é apresentado não apenas de forma direta, mas, sobretudo, por meio de figurações; (iii) Tentativa em evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantamento de hipóteses sobre os não-ditos presentes nos textos do escritor; (v) análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas destacando as conexões simbólicas.

## CAPÍTULO I – SOBRE MELANCOLIA

No presente capítulo serão apresentadas as seguintes seções: 1.1) “A falha narcísica na constituição do Eu e a tirania do supereu no melancólico”, em que tentaremos entender o fenômeno da melancolia e seus possíveis desdobramentos a partir da obra de Freud e Lacan; 1.2) “A relação entre o delírio de inferioridade freudiano e a forclusão do Nome-do-Pai lacaniana” em que se propõe uma reflexão sobre o delírio de inferioridade apontado por Freud que acomete o melancólico, mas a partir do conceito de forclusão da metáfora paterna elaborado e desenvolvido por Lacan.

### **1.1.A falha narcísica na constituição do Eu e a tirania do supereu no melancólico.**

No texto Luto e Melancolia, Freud (1917) esclarece que o sujeito enlutado ou melancólico sofre porque perdeu um objeto de amor para quem direcionava parte de sua energia pulsional, contudo há uma diferença fundamental: enquanto no luto o sujeito consciente da perda de objeto de amor real sabe que precisa desinvestir sua energia libidinal deste objeto e direcionar para outro, na melancolia, ele se recusa a reconhecer a perda. O objeto de amor tende a se esconder no inconsciente, impossibilitando a vivência do luto, a simbolização da perda e a reorientação do afeto para outro objeto.

De acordo com Freud (1917) existem outros traços distintivos entre o luto e a melancolia como a diminuição da autoestima, o empobrecimento do Eu e a auto recriminação do sujeito melancólico, o que não se verifica no enlutado.

O melancólico exhibe ainda uma outra coisa ausente no luto: uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. O quadro de delírio de inferioridade na melancolia é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar. (FREUD, 1917, p. 278).

Essas características não se dão por acaso, mas guardam uma estreita relação com a perda inconsciente e a identificação do Eu com o objeto de amor. Os episódios de auto depreciação, na realidade, são orientados para o objeto de amor perdido em função da relação ambivalente de amor e ódio que o sujeito guarda com este objeto. Assim, as típicas autocríticas são, na realidade, recriminações dirigidas ao objeto que foram deslocadas para o próprio Eu em um processo de identificação narcísica.

Freud (1917) considerava o narcisismo uma das condições determinantes para a melancolia. No sujeito melancólico, durante a fase do narcisismo secundário, ocorreria uma intensa fixação em um objeto erótico que em algum momento se perderia provocando uma ruptura afetiva. Esta perda, provocaria um retorno ou insistência do sujeito nesta fase do desenvolvimento que se caracteriza pelo investimento pulsional em si mesmo, tomando o seu próprio Eu como um objeto de amor.

Mendes *et al.* (2014) afirmam que Freud estabeleceu uma distinção entre o narcisismo primário e secundário nos seguintes termos:

O narcisismo primário designa um estado precoce no qual a criança investe toda a sua libido em si mesma, ou seja, toma a si mesma, como objeto de amor. O narcisismo primário é, portanto, necessário à constituição do eu. Já o narcisismo secundário corresponde à retirada do investimento libidinal do mundo exterior e ao redirecionamento dessa libido de volta para o eu. Freud (1914, p. 98) esclarece: “Assim, esse narcisismo, que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos, pode ser concebido como um narcisismo secundário, superposto a outro, primário”. As afecções narcísicas representam um excesso de investimento no eu. (MENDES *et al.*, 2014, p. 426).

Desta forma, a criança ao nascer, encontra-se em um estado simbiótico e de indiferenciação entre ela e o mundo. Tudo o que a cerca é indissociável e faz parte de si. Nesta fase, todo o investimento libidinal da criança é orientado para si. Contudo, este estágio de autoerotismo começa a ruir a partir da experiência da falta, em que a criança começa a perceber, através de seu desconforto interno (fome, frio, barulho etc), que o alívio destas sensações depende de um Outro que lhe socorre. Assim, a experiência da falta lança os fundamentos para que a criança tome consciência de um Eu diferenciado do Outro.

No narcisismo primário, a criança é colocada em uma posição de pequeno monarca, pois os pais fazem de tudo para atender suas necessidades, com o passar do tempo, os pais vão se distanciando da criança e ela começa a se diferenciar do mundo e a perceber que não é tão importante assim. A partir daí, para resgatar o status e atenção anterior, vai buscar uma referência (Eu ideal) para configurar o seu Eu. Esse processo de desvio libidinal para um outro que, em última consequência, retorna para si mesma, Freud (1914) denominou de narcisismo secundário.

Assim, a razão para a auto recriminação no melancólico, ocorreria pela clivagem do Eu, que seria parcialmente vertido em “objeto” em uma espécie de regressão ao estágio de narcisismo primário em que a sombra do objeto de amor perdido recairia sobre o Eu, provocando uma substituição do amor investido no objeto por uma identificação com ele.

De acordo com Mendes *et al.* (2014):

O “eu” trata a si mesmo como trataria o objeto do seu amor ambivalente e o sentimento de culpa e o desejo de punição presentes na melancolia estão associados à ambivalência de sentimentos vivenciados em relação às figuras parentais, ainda no decorrer do complexo de Édipo. O indivíduo desejou a morte da figura parental, por isso ele se culpa. O melancólico é atacado por seu próprio supereu. (MENDES *et al.*, 2014, p. 426).

Portanto este processo narcísico de identificação com o objeto de amor perdido provoca o sentimento de culpa, em que a libido desviada do objeto original volta-se como hostilização contra o traço do Eu que reflete o objeto de amor perdido. Sem ter a referência do outro para converter sua pulsão em energia sexual, a energia é orientada para si mesmo em um processo narcísico negativo em que o sujeito é tornado objeto e martirizado pela ação do supereu.

Quinet (2000) destaca que, na melancolia, o sujeito ficaria entregue à pura cultura da pulsão de morte e a atuação do supereu como tirano poderia, em casos mais críticos, levar o sujeito ao suicídio.

Em 1920, no texto intitulado “Além do Princípio do Prazer”, Freud acrescenta:

A hipótese de pulsões de autoconservação, tais como os atribuímos a todos os seres vivos, alinha-se em acentuada oposição à ideia de que a vida instintual, como um todo, sirva para ocasionar a morte [...] Trata-se de instintos cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam imanentes ao próprio organismo. (FREUD, 1920, p. 20).

Nota-se que para Freud, a vida tenderia a homeostase, à imobilidade, a remover qualquer tensão e este fato seria um forte indício da existência de uma pulsão de morte. Portanto competiria ao sujeito produzir permanentemente sentido e propósito para viver a partir do direcionamento da sua energia pulsional para o Outro e para processos e produtos da criação, caso contrário, ficaria sujeito à atuação da pura pulsão de morte.

De acordo com Alessandri (2008) esta concepção de pulsão de morte freudiana levaria o sujeito à situação paradoxal de que o organismo vivo luta com toda a sua energia contra fatos que poderiam auxiliá-lo a atingir mais rapidamente seu objetivo de vida: “a morte”.

No melancólico a produção de sentidos para viver ficaria significativamente comprometida em razão do afastamento do outro do desejo. Sem ter um outro para o investimento libidinal, a via de descarga do melancólico é pela atuação sádica do Supereu sobre o Eu. Neste sentido, importa atentar-se para o perigo da presença de um componente erótico

neste processo que traz consigo um gozo<sup>4</sup> intrínseco, levando o sujeito a encontrar satisfação neste ato de sadismo do Supereu e masoquismo do Eu. Para Alessandri (2008, p. 15), “a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal”. Em outras palavras, o sujeito, através de sua instância superegóica sádica, goza ao torturar o Eu e isso alimenta um círculo vicioso que merece atenção e cuidados.

## **1.2. A relação entre o delírio de inferioridade freudiano e a forclusão do Nome-do-Pai lacaniana.**

Nesta seção, propõe-se uma reflexão sobre uma possível genealogia do delírio de inferioridade que acomete o melancólico, relacionando-o com a forclusão da metáfora paterna lacaniana (Nome-do-Pai).

De acordo com Alessandri (2008) em “As formações do inconsciente”, seminário de 1957 – 1958, Lacan considera três tempos bem marcados no complexo de Édipo: No primeiro tempo a criança ao se ver dependente do desejo da mãe, a simboliza de uma forma específica. Nesta primeira simbolização, figura-se a relação simbiótica em que o desejo da criança é o desejo da mãe. No segundo tempo, a criança começa a se questionar se a mãe pode desejar algo diferente do que ela própria. Esta questão introduz uma nova ordem simbólica de que ela dependerá e que permitirá a instalação da lógica desejante.

(...) neste estágio, nodal, aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação, liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, na medida em que a mãe é dependente de um objeto que o Outro tem ou não tem. A mãe se submete a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro. Aquilo que retorna à criança é a lei do pai representada pelo falo. (ALESSANDRI, 2008, p. 56).

No terceiro tempo a mãe deve fundar o pai como mediador daquilo que está para além de sua lei, ao introduzir simbolicamente o falo<sup>5</sup> como o objeto desejado pela mãe, e não apenas como objeto do qual o pai pode privar.

Vale lembrar que o pai aqui representado é a figura simbólica do paterno, ainda que interfira como objeto real para dar concretude à castração. Trata-se da metáfora paterna “Nome-

<sup>4</sup> No tocante ao gozo, embora iremos abordar um pouco mais este tema adiante, trata-se de um conceito muito complexo que não será aprofundado em razão dos objetivos propostos neste trabalho.

<sup>5</sup> Vale esclarecer que na psicanálise, o falo, não se confunde com o pênis (órgão sexual masculino). O falo é um significante estruturador fundamental da subjetividade. Não se trata de um significante qualquer, mas aquele que irá organizar o desejo e a falta, que servirá de ancoragem para organização do “eu” servindo como lei e limite. “o falo ocupa um lugar na economia do desenvolvimento do sujeito e é o suporte indispensável da construção subjetiva e pivô do complexo de castração”. (LACAN, 1957-58, p.358).

do-Pai” que representa a lei de proibição do incesto, o limite para o gozo e um ponto de ancoragem para o Eu se situar diante da realidade. Assim podemos concluir que a castração é o desfecho decisivo na formação do simbólico e da subjetividade que se dá no complexo de Édipo.

Percorremos esse caminho inicial, para agora introduzirmos o conceito lacaniano de psicose e forclusão do Nome-do-Pai, como uma forma de refletir sobre a origem do “delírio de inferioridade” observado por Freud na estrutura melancólica.

Segundo Calligaris (1989), na neurose a operação de defesa implica na construção de uma metáfora que irá substituir o corpo real pela subjetividade, ao se recusar como demanda imaginária do gozo do Outro. Essa consciência só é possível quando internalizamos o simbólico que nos mantém defendidos como sujeitos.

Assim, na neurose, o sujeito acredita que pelo menos o Pai (imaginário) saiba lidar com a demanda do Outro (mundo) e que vai ensiná-lo, que Calligaris (1989) cunhou como sujeito suposto, o que vai levá-lo a contrair uma espécie de dívida com o Pai. Neste contexto, o valor do sujeito não está em seu saber, mas no quanto ele é estimado pelo Pai. É nessa relação com o significante paterno que o sujeito vai se constituir, obter e organizar todas as significações como um ponto fixo de Arquimedes para se ancorar e organizar toda sua estrutura simbólica.

O sujeito neurótico passa a confiar na metáfora paterna (como limite e referência) que desempenhará uma função unificadora da diversidade de cadeias de sentidos das experiências vividas. Nota-se que na estrutura neurótica há o predomínio da realidade, da hierarquia (onde os significados se subordinam ao significante paterno), do Eu e da ordem.

Já na estrutura psicótica, a coisa parece acontecer de forma bastante diversa, pois há a elisão do “sujeito suposto” que unifica a experiência a partir da constituição de um mundo simbólico e subjetivo. As cadeias de significantes ficam sem um ponto de ancoragem, sem hierarquia, sem ordem. Na relação com os significados do mundo, o psicótico fica sem um ponto fixo de referência. A forclusão revelaria um buraco no simbólico. A falta de um significante primordial (Nome-do-Pai) abriria uma fenda no simbólico. Sem a referência da metáfora paterna, sem o “sujeito suposto”, a tarefa de sustentar a rede de significações estimuladas pelas experiências externas competiria, exclusivamente, ao sujeito.

Destarte, de acordo com Lacan (1955) quando o significante do Nome-do-Pai é forcluído, os retornos se dão no real, e daí resultam os fenômenos típicos da psicose como delírios, alucinações, estados crepusculares etc.

Aqui, enseja-se apenas a ressalva de que esses efeitos da psicose têm intenção de reestruturar o aparelho psíquico e devolver algum nível de equilíbrio ao sujeito. Sem a metáfora



primordial do Nome-do-Pai, o que resta como defesa ao psicótico é a criação de uma metáfora sem um sujeito suposto, sem limites, de modo que o gozo pode ser observado às claras, sem qualquer censura ou mediação.

Calligaris (1989) esclarece que o psicótico diante de uma situação que evoca a metáfora paterna que lhe falta, constrói sua própria metáfora paterna, sua própria lei como Pai. Ou seja, no delírio, o sujeito constrói uma significação que não lhe seria possível na condição de filiação simbólica proporcionada pela neurose.

Assim, na melancolia, poderíamos hipotetizar que, em alguma medida, a referência da metáfora paterna se perderia com a perda inconsciente do objeto de amor provocando certo comprometimento da capacidade de construção simbólica da realidade e impondo ao sujeito a necessidade de fundar sua própria lei que, por sua vez, provocaria uma grave alteração da sua auto percepção levando-o a reconfigurar o seu Eu.

Essa reconfiguração do Eu sem a lei paterna para lhe dar sustentação, se daria a partir de um processo delirante em que o sujeito passa a se perceber de forma inferior em razão da ação sádica do Supereu no objeto de amor perdido e fundido de forma inconsciente nesse novo Eu. Daí a ideia de delírio de inferioridade proposto por Freud.

Esse novo Eu, produto do delírio de inferioridade, se afirma como lei e ponto de ancoragem para o sujeito melancólico que passa a se torturar e, em casos mais extremos, é conduzido até ao auto extermínio em função da negação inconsciente do objeto de amor e do seu desejo.

Quinet (2006), refletindo sobre a negação do desejo assim afirmou:

A negação, na melancolia, é um índice da forclusão do Nome-do-Pai: é uma negação da própria existência do que é negado. Trata-se de uma negação que abole, zerifica, a dissolução das associações na melancolia corresponde a um furo no psiquismo que é equivalente ao furo no Simbólico, à forclusão do Nome-do-Pai. Lá onde deveria estar o Nome-do-Pai não se encontra nada, só um furo, um ralo aberto por onde a energia escoia. (QUINET, 2006, p.194).

Com isso, a hipótese que empreendemos é que a reconfiguração desse Eu se dá de forma peculiar no melancólico, pois o objeto de amor perdido funde-se e confunde-se no Eu num processo de identificação com a falta. Esse processo de identificação narcísica com o objeto de amor perdido torna-se parte do Eu, objeto de satisfação.

A satisfação se dá pela atuação sádica do supereu que no fundo, em razão da relação ambivalente de amor e ódio, quer vingar-se do objeto de amor que ao se perder, provoca intenso sofrimento.

Vale lembrar que, conforme esclarecido por Freud (1917), na melancolia o objeto de amor perdido é inconsciente, o que impede o sujeito de vivenciar o luto e deslocar o seu investimento libidinal para o outro objeto de amor. Logo, esta transmutação do “Eu” em “Isso” (O que foi foracluído no simbólico, retorna no real), impediria que o investimento da pulsão de morte se transformasse em energia sexual, o que deixaria o sujeito melancólico entregue ao investimento da pulsão de morte em si mesmo levando-o ao delírio de inferioridade e ao alívio desta energia a partir da auto depreciação, da dor, e, em alguns casos, do suicídio.

## CAPÍTULO II – SOBRE SUBLIMAÇÃO

No presente capítulo, faremos algumas reflexões acerca do conceito de sublimação dentro e fora de uma análise. Veremos a afinidade do conceito de sublimação com o ato criativo e partiremos do pressuposto que é próprio da natureza humana inclinar-se para criatividade. Contudo é importante ressaltar que criar não é um ato de pureza, destituído de conflito. Trata-se de um processo que se dá pela tensão entre uma pulsão de vida que cria e mobiliza, em oposição à pulsão de morte que destrói e paralisa. Em outras palavras, todo ato de criação implica na destruição de algo!

Nesta perspectiva, podemos supor que o ser humano possui uma espécie de necessidade pelo devir e de auto transgredir-se permanentemente na busca de um sentido que pudesse satisfazer a inquietante e insistente sensação de insuficiência e falta. A cada transgressão nos reinventamos como novos sujeitos, a cada ato morremos para nascer para uma nova vida em um ciclo criativo ininterrupto. Kaufmanner (2005) refletindo sobre a importância da condição de insuficiência do “Eu” para excitação da pulsão de vida, afirma que o “Eu”, enquanto experiência totalizante é mortífero, pois é lá onde reina a sua precariedade e sua incompletude que ele inaugura e constrói a sua singularidade e o gosto pelo viver.

Lacan (1964) utilizou-se de uma metáfora para demonstrar a importância do intratável e do precário da condição humana para lhe conferir dinamismo a partir da ideia de uma escolha tácita, propondo o seguinte dilema em que um sujeito diante de um assalto teria que escolher entre a bolsa ou a vida<sup>6</sup>:

Se escolhermos a bolsa, teremos a vida arrancada, se escolhermos a vida, teremos que experimentá-la destituídos do objeto. Nossa “falta a ser” nossa divisão coloca-nos diante de uma existência sempre marcada por uma perda, um furo irremediável. Essa impossibilidade de nos fazer “Um” faz de todos os atos humanos, atos falhos. Nossos atos resultam sempre em desencontro, e é nesse desencontro que vamos tecendo o fio de nossas vidas. (LACAN, 1964, p.207).

Neste sentido, o impulso para vida seria tracionado pelo vazio (objeto perdido - “bolsa”) que alimenta o desejo e que o sujeito busca reencontrar. É nesse furo no simbólico, nessa “falta a ser” que o sujeito é convocado para elaborar e reelaborar o sentido de sua existência através da linguagem.

---

<sup>6</sup> A razão do termo “escolha tácita” se justifica porque se a pessoa diante de um assalto tiver que escolher entre a bolsa e a vida e escolher a bolsa, perderá a vida e também a própria bolsa pela qual se sacrificou, pois o ladrão não deixará a bolsa com o cadáver. Então, quem escolhe a bolsa perde a vida e também a bolsa. Logo, a escolha inevitável é a vida e não a bolsa.

Por outro lado, se a linguagem falha nesse propósito, segundo Kaufmanner (2005), o suicídio aparece como um recurso único e final ao intratável. Vale esclarecer que o suicídio não significa necessariamente o fim da existência para algumas pessoas, pelo contrário, o autoextermínio aponta para inscrição de uma marca simbólica permanente na fantasia dos que em vida permanecem e que, em alguma medida, preservam o corpo simbólico do suicida no tempo. Portanto, em alguns casos o suicídio poderia ser entendido como uma forma radical de afirmação de existência.

Mas para ficar mais claro proponho uma breve reflexão para se estabelecer a diferença entre o corpo biológico e o corpo simbólico (Eu). O corpo biológico, em razão da sua condição material, envelhece e perece no tempo, por outro lado o corpo simbólico, que se constitui de linguagem é abstrato e imortal.

Como a relação entre os seres humanos com o mundo é sempre mediada pela palavra, os sujeitos não se reconhecem como corpo biológico, mas como seres de fala. Segundo Vera (2005) o sujeito de fala tem a capacidade, entre outras façanhas, de se separar do reino animal e se projetar para o futuro ou o passado. Assim, por meio da linguagem o ser humano subverte e modifica tudo o que o cerca, podendo inclusive se imaginar como um ser para além da morte, criando as mais variadas explicações para essa experiência, mas todas permeadas de “atos falhos” e de elementos contraditórios como “vida após a morte” “vida eterna” “teorias reencarnacionistas” etc.

Freud (1901) utilizou o termo “ato falho” para designar todos os casos em que um resultado equivocado (um lapso verbal, um esquecimento, um equívoco etc), ou seja, um desvio do que havia sido intencionado conscientemente pela fala poderia desencadear novas formas de sentido, tendo em vista que são formas de manifestação do inconsciente recalcado.

Os atos falhos quando ocorridos na clínica, se apresentariam como oportunidades para que o analisando realizasse novas associações sobre suas experiências, lançando alicerces para que o sujeito se construa de forma mais autêntica e genuína.

De acordo com Costa (2005) por meio do “ato” o sujeito pode realizar um atravessamento do código simbólico inscrito em seu corpo, na tentativa de sair da sua indeterminação. Logo o ato quando falho se expressa pelas relações entre os significantes, o que permite ao sujeito diante de um insight rearranjar todo o seu sistema simbólico. Neste sentido, a fala se torna o recurso fundamental, pois poderá encontrar na palavra um novo caminho para engendrar e enredar uma nova cadeia de significados e significantes que sustentem suas fantasias e relações com o mundo. Costa (2005) ainda afirma que o ato falho tem o valor de fala por comportar um desejo inconsciente pelas leis da linguagem.

Por outro lado, Lacan (1970) apontava para a possibilidade de um outro tipo de ato, o ato perfeito, desprovido de falha. Curioso, pensar que etimologicamente a palavra perfeição deriva do latim e significa: “fazer até o fim” “realizar totalmente” “acabar”. O ato perfeito é, portanto, um ato de morte! Por meio do ato perfeito há a exaustão das possibilidades e potencialidade que o sujeito, enquanto confia na linguagem, pode extrair de sua relação com o Outro.

Dessa forma a morte representaria um furo no simbólico, denunciando os limites dos recursos simbólicos para dar conta da realidade e vazão ao gozo, isso porque, como experiência individual, a morte não pode ser simbolizada ou compreendida pelo sistema linguístico, é uma experiência que escancara tais limites, pois, para sabê-la, é preciso a ela se submeter e embarcar em uma viagem sem retorno. Assim, quando todos os recursos de fala falham no alívio do sofrimento intenso, ainda restaria como alternativa a mortalha de silêncio do autoextermínio.

Posto isso, retomemos a questão apresentada na introdução deste trabalho: Porque o processo criativo, para uns se torna uma via por onde se experimenta o prazer e o alívio e, para outros, uma fonte de sofrimento e inquietação, levando-os muitas vezes ao suicídio?

De acordo com Freud (1910) o processo criativo está relacionado ao conceito de sublimação. Por meio da sublimação, haveria supostamente um apaziguamento da tensão psíquica, pela organização das pulsões numa direção construtiva e benéfica. Tal processo se apresentaria como uma alternativa para lidarmos com nossos conflitos, ao possibilitar a descarga de energia pulsional.

Entretanto, existem situações em que o sujeito não encontra alívio pelo processo criativo, pelo contrário, se sente ainda mais sufocado e angustiado, experimentando quadros e sintomas diversos e mais intensificados de sofrimento psíquico.

Neste sentido, Carvalho (2006) chama a atenção para uma dimensão disfuncional do ato criativo e apresenta um importante conceito formulado posteriormente por Freud, acerca da sublimação:

no livro *O eu e o isso*: a sublimação resulta em uma liberação de impulsos destrutivos no superego, o que faz com que o eu fique exposto aos perigos de maus-tratos e morte. Inicialmente descrita como um “destino menos defensivo” das pulsões, a sublimação seria um recurso limitado e potencialmente perigoso, não devido aos sacrifícios impostos à sexualidade, como Freud chegou a pensar, mas pela natureza destrutiva dos elementos que a compõem. (CARVALHO, 2006, p. 76).

A partir desta nova proposta freudiana, a autora afirma que no processo criativo, o artista precisa manter certo contato com a fonte de elementos sentidos como perigosos, ou seja, aqueles

decorrentes da pulsão de morte para poder criar. Em alguns casos, durante o processo criativo, parece que a pulsão de morte se torna o condutor do inconsciente desgovernado. A criatividade tensiona mais o arco do sofrimento a ponto das extremidades se tocarem, tornando-se um círculo fechado e vicioso, por onde o sofrimento não pode mais escapar, mas apenas girar e girar como um dínamo levando energia ao desespero inconsciente.

Embora o ato de sublimação permita que em alguns casos as pulsões se transformem tornando-se formas aceitáveis o suficiente para transpor a barreira do recalque promovendo alívio de tensão, alguns processos criativos parecem ignorar o recalque e até afrontá-lo. O ato de “sublimar-se/purificar-se” ou “civilizar-se” parece ser substituído pelo corpo sedento de satisfação em estado bruto, o artista parece deliberadamente rejeitar ao puritanismo presente no recalque, maculando-o inescrupulosamente com o que de bizarro viceja na obscuridade da natureza humana.

Alguns artistas são profundamente honestos com os seus sentimentos. Desta verdade, sem forma e sem nome, o artista não pode escapar, trata-se de um labirinto hermético de paredes rígidas, cada curva uma esperança de saída para algo que eleve ou revele a condição humana pra além de si mesma. Mas a cada curva o sujeito também se depara com outra parede, e outra, e outra... de forma que suas expectativas vão sendo frustradas uma a uma, todos os fetiches e ídolos vão caindo. O sujeito se vê diante da seguinte situação, que não chega a ser um dilema, mas uma porta a ser atravessada (uma escolha tácita em que o sujeito não pode ceder a “bolsa”): já que viver superficialmente não é possível, não é uma escolha, então devo prender o fôlego e seguir mergulhando com os bolsos cheios de pedras, como o fez Torquato Neto, até sufocar ou enlouquecer.

Escute, meu chapa: um poeta não se faz de versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso. (NETO, *Geléia Geral*, 2017, p. 169).

Partindo destas considerações iniciais, estruturamos o presente capítulo em três seções a saber: 2.1) “Sublimação: conteúdo ou continente da falta? As distinções do conceito de sublimação entre Freud e Lacan” em que faremos uma exposição sobre as diferenças entre o conceito de Sublimação entre os autores; 2.2) “O potencial transformador dos processos sublimatórios na poesia e no contexto”, nesta seção trataremos brevemente os limites dos processos sublimatórios nas artes e como a experiência clínica poderia ajudar no alívio do sofrimento psíquico e, por fim, 2.3) “A biografia de Torquato Neto”, na qual apresentaremos o

artista ao leitor por meio de uma breve biografia destacando alguns episódios relevantes da sua trajetória.

### **2.1. Sublimação: conteúdo ou continente da falta? As distinções do conceito de sublimação entre Freud e Lacan.**

Freud (1917) concebeu o conceito de sublimação como um dos destinos possíveis da pulsão sexual para um alvo não sexual, em atividades criativas e socialmente valorizadas (arte, ciência, religião) como forma de superação do desamparo. Neste primeiro momento a sublimação era entendida como uma experiência vertical de espiritualização, pela qual a subjetividade seria purificada do seu impulso sexual e se desprenderia da materialidade em direção aos ideais civilizatórios de racionalidade através de expressões como a arte, a ciência, a filosofia, a religião, levando o sujeito ao bem-estar.

Entretanto, na versão posterior do discurso sobre a sublimação e a destinação das pulsões, Freud (1920) não acreditava mais nessas hipóteses iniciais, pois, no decorrer de suas investigações, concluiu que o sujeito não poderia se deslocar jamais de sua posição originária de desamparo e angústia. De acordo com Birman (2005), nesta nova perspectiva não há mais oposição entre a sexualidade e a sublimação, entre o corpo e a subjetividade. A sublimação consistiria em um processo horizontal a partir da transformação da pulsão de morte em pulsão sexual destinada para um outro. A energia extraída da pulsão de morte, convertida em energia sexual fecundaria os processos criativos destinados sempre a apreciação de um expectador (outro). Nesta nova versão, aquela pretensão inicial da superação do desamparo pela sublimação seria abandonada e substituída pela ideia de gestão do desamparo, que exigiria do sujeito a permanente necessidade de se recriar para ceder lugar à pulsão de vida. Assim, os processos criativos teriam um poder de alívio limitado e parcial.

Mas, ainda que existam distinções entre os dois conceitos freudianos de sublimação, uma ideia central se conserva: a ideia de que há o desvio da pulsão para alvos não sexuais e valorizados socialmente. Assim o produto da criação é sempre submetido à apreciação de um outro que se identifica com o mesmo por revelar algo que estava inconsciente e recalcado. No trabalho *Escritores Criativos e Devaneios*, Freud (1908) sugere que o artista é capaz de representar de maneira prazerosa e estética as fantasias que, normalmente, temos vergonha de confessar.

Denominamos de prêmio de estímulo ou de prazer preliminar ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto acusações ou vergonha. (FREUD, 1908, p.158).

Assim, para Freud (1908), o artista teria a capacidade de facilitar, através de sua obra, a liberação da energia pulsional inconsciente do apreciador, aliviando suas tensões, ao expressar aquilo que ele mesmo desejava e não era capaz de fazê-lo.

Por outro lado, na visão lacaniana o reconhecimento e o interesse do Outro na obra de arte não surge da identificação com as fantasias do artista, mas de algo que permanece obscuro, hermético, inassimilável. De acordo com Vorcaro (2013), esse ponto estranho (Unheimlich), que Lacan (1959) encontra descrito no próprio texto freudiano, remete ao que é inexplicável, à falta, ou seja, ao conceito de “*Das Ding*” - a Coisa, aquilo que falta, que é indeterminável, destituída de qualquer significação e que, portanto, não pode ser tornada objeto.

De acordo com a visão lacaniana (1959), o processo criativo no campo das artes resultaria em um objeto Coisa, que representaria exatamente o que nos falta e é comum aos homens, um objeto irresistível, mas despojado de qualquer significado, que provoca no espectador uma lembrança obscura sem tempo, uma impressão fugidia, um estranhamento familiar.

Neste sentido, a identificação do sujeito com o objeto se daria justamente pela sua dissolução, por evocar algo primordial, anterior ao Eu e que projeta uma perspectiva do Real, do insimbolizável. Safatle (2005, p. 274) esclarece que não se trata de um processo de identificação com o objeto artístico, mas de “um objeto no qual ele não reconhece mais sua imagem, formada por identificações e antecipações imaginárias. Um objeto que mostra o que resta do sujeito quando a fortaleza do eu se dissolve”.

A perspectiva lacaniana de sublimação aponta para a função restauradora, mas precária dos processos sublimatórios, pois o que a linguagem pode revelar é sempre a falta. A palavra se mostra insuficiente para conter o transbordamento dos elementos construtivos ou destrutivos presentes na criatividade e na tentativa de se estabelecer uma conexão genuína com o mundo externo. Se por um lado os limites da linguagem, nos convoca a criar novas zonas de sentido para nossa experiência, ampliando possibilidades e nos oferecendo a oportunidade de circulação do desejo, por outro, ao nos colocar diante da falta, escancara a nossa precariedade como seres de linguagem e nos desampara.



Carvalho (2005) formula o conceito de toxidez da escrita para se referir aos riscos presentes nos processos criativos dos escritores, expondo os limites da linguagem na expressão dos afetos que, em alguns casos, podem ser liberados perigosamente:

Projetos literários de Plath e Wallace são cercados de riscos, não porque os expunham aos limites da linguagem, mas também devido à natureza do afeto, que se não mobiliza a escrita criativa, é reativado por ela. Este afeto é a dor psíquica, que na escrita surge do centro ferido que sangra psiquicamente sem cessar. Quando a sublimação se aproxima demais desse centro, ele se torna silencioso. (CARVALHO, 2005, p.77).

Assim, o ato criativo quando atravessado pela depressão ou melancolia, como o caso da escritora Sylvia Plath, pode liberar um sofrimento intenso e, se a linguagem não for suficiente para conter os elementos desagregadores deste sofrimento, o sujeito pode buscar uma forma radical de contenção, o suicídio. Neste sentido, a criação literária não só falha no alívio do sofrimento, mas o libera até o desespero.

## **2.2. O potencial transformador dos processos sublimatórios na poesia e no contexto terapêutico.**

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema  
 Há que se dar um gosto incasto aos termos  
 Haver com eles um relacionamento voluptuoso.  
 Talvez corrompê-los até a quimera  
 Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los  
 Não existir mais rei nem regências.  
 Uma certa liberdade com a luxúria convém.  
 (BARROS, 2013, p. 243).

Terminamos a sessão anterior chamando atenção para os limites da linguagem e os perigos dos processos sublimatórios quando capazes de desencadear elementos destrutivos nos sujeitos em criação frente à sua insuficiência. Agora consideramos oportuno nos perguntar se a psicanálise poderia contribuir para o alívio da angústia, ao oportunizar a expressão do inconsciente e novas formas de significação para o sujeito em sofrimento dentro de um contexto seguro, abrindo espaço à sublimação de uma maneira diferenciada, em que o sujeito poderia se confrontar com os limites da linguagem de uma forma distinta, podendo estabelecer novos efeitos nas tramas significantes e produzir novos sentidos para o seus conteúdos inconscientes, ora transfigurados em sintomas, atos falhos, sonhos, chistes etc.

Santos (2020) explica que Freud, ao abandonar o método catártico e hipnótico, nos legou que o sujeito, com seu sintoma, é um efeito da linguagem e por isso também poderia ser feito a partir da fala. Isso coloca a fala num lugar privilegiado na análise devendo o analista ficar

atento à linguagem e sobretudo aos limites em que a mesma tropeça, pois tudo o que nos cerca está imerso em linguagem. Neste sentido, Lacan (1957) inspirado pela conclusão freudiana de que haveria um sistema de representações simbólicas designado como inconsciente e que serviria de base para compor os sintomas, afirma que o inconsciente se estrutura como uma linguagem.

Aqui é oportuno discorrer brevemente sobre a evolução do conceito de inconsciente partindo de Freud até chegar em Lacan. Inicialmente, Freud (1915) ao conceber a estrutura do aparelho psíquico na sua primeira tópica, define o inconsciente (Ics) em contraposição ao Consciente (Cs) e pré-consciente (Pcs). A prova do inconsciente se daria nas lacunas das manifestações conscientes:

A suposição a respeito da existência do inconsciente é necessária e legítima. Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas, tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. (FREUD, 1915, p. 172).

Assim o inconsciente seria aquilo que não está presente na consciência, que se encontra recalçado e ávido por se manifestar e ser descarregado, uma vez que do ponto de vista dinâmico, quanto maior o recalque promovido pelo consciente/pré-consciente, maior a energia pulsional dos elementos inconscientes que tensionam a parede do recalque para permeá-la.

Segundo Freud (1915) o inconsciente encontraria sua expressão e alívio por meio dos atos falhos, sonhos, chistes, lapsos, sintomas e, aqui acrescento, processos sublimatórios, que seriam capazes de perpassar a barreira do recalque e liberar parte da energia provocando prazer/alívio. Contudo, como os elementos inconscientes se associam à representação inconciliável originária que provocou o recalque, o prazer também é experimentado como desprazer.

Nesta visão inicial de Freud (1915), consciente/pré-consciente x inconsciente estariam em permanente “negociação”, ora recalcando ora liberando energia pulsional, predominando a ideia de economia libidinal.

Posteriormente, Freud reformula sua teoria e elabora a segunda tópica. Nesta nova visão, concebe o sujeito composto de Eu (ego), Supereu (superego) e Isso (id). O Eu seria a instância intermediária entre o mundo externo e interno.

O eu se origina no sistema Pcpt-Cs, sendo uma projeção da superfície corporal. Encontra-se em contato com os dois mundos, sendo responsável pelo “teste de

realidade” e controle da motilidade pela sua relação com o id, funcionando então como mediador entre este citado e o mundo externo. (ROZA, 2005 *apud* LIMA *et al.*, 2016).

Portanto é preciso pensar que o Eu é também determinado por uma instância inconsciente, que na segunda tópica foi denominada “Isso”. O Isso, é o que foi recalcado. Lima *et al.* (2016) esclarecem que o Isso se apresenta como um grande reservatório da libido narcísica e objetal através do qual o Eu se alimenta.

Freud (1923) ilustra esta relação do Eu com o Isso usando a seguinte metáfora:

Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir, da mesma maneira o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (FREUD, 1923, p. 39).

Freud (1923) conclui sua segunda tópica com a concepção de uma terceira instância: o Supereu. Esta instância decorreria do último tempo do complexo de Édipo em que o sujeito renunciaria o amor incestuoso em razão da instituição da Lei de interdição e o receio de castração. Sendo assim, desempenha uma dupla função diante do Eu: servir como Ideal de Eu (ideais civilizacionais e morais) e como interdição/repressão (função tirânica).

É importante ressaltar que assim como o Eu, o Supereu, também está a serviço do Isso e é excitado por sua energia pulsional.

uma vez que o Eu é encurralado pela pressão Supereu-óica, pode chegar a praticar ações de violência contra ele mesmo ou contra o mundo. Porém, o supereu-consciência não é o único representante psíquico da lei moral que visa o próprio bem e dos demais, ele é antes de tudo um semblante de uma lei inconsciente que nos ordena a impelir nosso desejo até seu último ponto. (NASIO, 1997 *apud* LIMA *et al.*, 2016, p. 10).

O que estamos tentando demonstrar, e por isso Freud adota a livre associação como método clínico, é a presença de um sistema simbólico como manifestação das instâncias psíquicas, inclusive do inconsciente. É saber que o sujeito é feito e efeito da linguagem, este é o ponto central, o sujeito se compreende e se constrói a partir do seu discurso. Para Lima *et al.* (2016) o sujeito é determinado pela linguagem do seu nascimento à morte e a experiência analítica é aquela na qual o mesmo é confrontado com a verdade de seu destino, por meio do discurso.

Portanto, Freud, reconhecia que havia algo (sintoma) que implicava as patologias e que estava para além das causas orgânicas. Este “algo” é o efeito da linguagem sobre o aparelho psíquico, pois não há sintoma sem conceito ou um sujeito que fale sobre ele.

De acordo com Lima *et al.* (2016) Lacan se apropriando das noções freudianas acima e articulando-as com os conceitos linguísticos de Ferdinand de Saussure, concebe o inconsciente estruturado como linguagem, mas não o faz passivamente, pois promove uma redefinição da relação entre significado e significante. Saussure, ao elaborar sua teoria linguística privilegiava o significado em detrimento do significante, propondo que o significante teria a função de representar o significado comum. Mas na visão lacaniana, essa lógica se inverte, ela passa a privilegiar o significante liberando-o do significado dado à priori e rompendo com a ideia estruturalista dos linguistas.

Silva (2017) destaca que há pelo menos duas distinções decisivas entre Lacan e Saussure, primeiramente que Lacan rompe a relação de dependência e reciprocidade entre o significante e o significado ( $s \rightarrow s$ ), ressaltando a primazia do significante. “Com esta primazia dada ao significante, Lacan o torna passível de ter seu conteúdo modificado, desativando a elipse que delimitava a relação entre ambos, bem como as setas que indicavam a correspondência direta de um a outro” (SILVA, 2021, p. 66). Em segundo lugar, ao romper com a relação de dependência e anunciar a autonomia do significante, Lacan estabelece uma barra entre o significante e o significado (S/s), que segundo Silva (2017) tem o objetivo de ilustrar a resistência do significante de se render e ser esgotado por um significado dado de antemão.

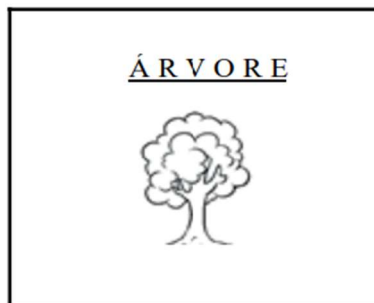
A partir daí foi possível para Lacan estabelecer uma relação entre inconsciente e linguagem à medida que o significante tornou-se a base e unidade mínima do simbólico e sua articulação, e não o seu significado apriorístico como propunham os linguistas, seria capaz de produzir uma miríade de sentidos na fala singular de cada sujeito. Neste sentido Silva (2017, p. 67) esclarece: “Esta ideia se torna decisiva para que notemos, em Lacan, um entendimento anti-sistêmico e anti-identitário de linguagem, que culminará na ideia de uma estrutura incompleta, pois o significante lacaniano não fornece, para o sujeito, senão uma significação momentânea”.

Assim, um significante poderia assumir sentidos distintos dos usuais, associando-se e condensando-se nas cadeias de significantes do sujeito da fala em um dado momento da sua existência. O exemplo abaixo apresentado por Lima *et al.* (2016) é excelente para ilustrar esse ponto de vista.

Lacan promove a substituição da imagem clássica de Saussure (figura 1) onde se encontra um desenho de uma árvore abaixo da palavra árvore, demonstrando a oposição diferencial entre significantes que produz o efeito de significado. Esta

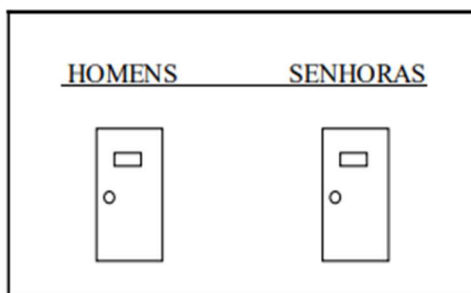
imagem é considerada pelo autor como defeituosa, pelo fato de privilegiar o significado e promover isolamento do signo através da relação biunívoca, conforme exposto abaixo:

Figura 1: Ilustração da função significante de Saussure



Na segunda ilustração, Lacan coloca no lugar do significado duas figuras idênticas separadas dos significantes “HOMENS” e “SENHORAS” na parte superior, separados por uma barra (figura 2), o que demonstra a oposição entre os significantes que atuam em produzir diferenciação nos significados (ROZA, 2005).

Figura 2: Ilustração da função significante de Lacan.



(Roza, 2005 *apud* Lima *et al.* 2016)

Assim o inconsciente, não seria uma junção arbitrária de palavras, mas estrutura-se como uma linguagem, manifestando-se em um dito (ato falho, chiste, sintoma etc), como proposto por Nasio (1993), e pode se organizar como as categorias linguísticas da metáfora e metonímia. De acordo com Santos (2020) estas figuras, metáfora e metonímia associam-se aos movimentos freudianos de condensação e deslocamento de energia pulsional. A metáfora se articulava a ideia de condensação em que um significante substitui outro significante. Interessante pensar que na clínica, esta possibilidade de substituição permite a criação de novos sentidos para a fala. Segundo Lacan (1998, p. 519) “É na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação nova”.

Já a metonímia se associa a ideia freudiana de deslocamento em que um significante estaria em conexão com outro significante. Ao contrário da metáfora, a metonímia cria uma nova forma de dizer e não uma nova significação. Exemplificando, enquanto o sintoma é metafórico porque substitui um conteúdo recalcado constituindo e colocando em

funcionamento o Eu, o desejo é metonímico, porque o objeto do desejo não existe. Trata-se de uma falta e este objeto que falta está sempre se deslocando, se transfigurando, fazendo com que o desejo seja sempre um desejo de outra coisa. É neste lugar da falta que a linguagem pode se inserir como metáfora e metonímia dentro de um contexto terapêutico para produzir novas articulações e novos sentidos para as experiências subjetivas.

Fizemos esse percurso teórico até aqui para introduzir alguns conceitos psicanalíticos que servirão para sustentar a fé e o impulso que motiva este trabalho, qual seja: a crença de que na análise é possível driblar em alguma medida o recalque, reduzir a tensão diante da novidade, romper a cristalização das associações costumeiras e facilitar a libertação da fala encarcerada criando novos sentidos. A fala do analisando não precisa se comprometer com os significados comuns, ser coerente, nada precisa fazer sentido a qualquer custo, é possível deixar fluir, o erro é bem vindo, não há o certo ou errado e isso permite ao sujeito atribuir novas significações genuínas e ressignificar o seu Eu melancólico antes estruturado nos discursos do sintoma.

Assim a análise privilegia a errância do discurso, o furo da linguagem, o ato falho, o lapso, o chiste a singularidade que se desvia dos significados comuns revelando o sujeito do inconsciente por trás do sintoma. Curioso notar a semelhança entre as práticas sublimatórias literárias (especialmente a poesia) e as analíticas. Na poesia, assim como na análise, o objetivo é escutar e expressar o não dito, duvidar das aparências das palavras e compreender seu sentido oculto.

Desta forma a linguagem e seus limites podem ser permanentemente subvertidos e incorporados por outros significados a partir das relações metafóricas e metonímicas produzidas não pela palavra enquanto imagem acústica produzindo um significado apriorístico, mas pelo discurso criativo do sujeito nas cadeias de significantes presentes em sua fala. Assim, na psicanálise, o analista é convocado a se livrar da ideia de que um significante tem a função de representar o significado. Ou seja, o significante é vivo! Pode representar absolutamente qualquer coisa.

A esta altura se faz necessário discorrer um pouco mais sobre a ideia de sintoma. De acordo com Nasio (1993) um sintoma é diferente de distúrbio, pois trata-se de um mal-estar que se impõe a nós, além de nós e nos interpela e que o descrevemos com palavras singulares e metáforas inesperadas, ou seja, é uma manifestação do inconsciente que se reveste de três características: i) surge a partir de palavras ditas de improviso; ii) é descrito pelo analisando a partir de sua interpretação e iii) a partir do momento que o analisando interpreta o sintoma e o comunica, o analista se torna o destinatário do sintoma, tornando-se de certa forma parte do

sofrimento, pois ao lembrar do analista o analisando lembra do sintoma. Esta terceira característica abre a relação transferencial na análise.

Do ponto de vista conceitual, de acordo com Nasio (1993) o sintoma ainda pode ser visto de duas maneiras: como signo e significante. O signo está na estrutura do consciente e diz respeito ao significado que algo tem para alguém que podem ser extraídos dos códigos, manuais e costumes. Já o significante diz respeito à estrutura do inconsciente, as singularidades portanto, e isto é o que mais nos interessa para o trabalho analítico. Lembremos novamente do aforismo lacaniano: O inconsciente se estrutura como linguagem.

Para Nasio (1993) o significante, embora já tenhamos deixado algumas pistas no caminho, trata-se de uma categoria puramente formal e não descritiva, podendo assumir qualquer significação (sintoma, lapso, ato falho, um poema, um som, um silêncio), pouco importa, desde que, se respeite três critérios linguístico: i) o significante é sempre uma expressão involuntária, uma errância; ii) é desprovido de sentido autônomo e iii) tem que estar ligado a um conjunto de outros significantes. Logo ao se pensar um significante nunca se deve pensá-lo sozinho.

Assim o significante não existe como significante para o Eu do analista ou do analisando, mas apenas para outros significantes, daí o seu caráter indomável, arrebatador e surpreendente. De acordo com Nasio (1993), Lacan descreve o acontecimento significativo com a notação de S1. Sendo que o número 1 significa que se trata de um acontecimento único e S, designa o significante. A cadeia de significantes é representada como S/s1,s2,s3... Assim, o sintoma, ainda que se trate de um acontecimento único, tem a capacidade de se transfigurar e desfilar por uma cadeia de outros significantes. Do ponto de vista da sua realidade individual e material todos os sintomas são distintos, mas do ponto de vista formal e significante há algo que se repete e se conserva no significante, há uma espécie de unidade (inconsciente) na diversidade (múltiplas expressões) do significante. Logo, um sintoma pode se repetir inúmeras vezes ao longo da vida de um sujeito, mas assumindo formas diferentes dificultando a sua identificação.

Sendo assim, podemos pensar que existe algo na estrutura inconsciente do sujeito que faz com que o sintoma sempre reapareça em uma espécie de compulsão à repetição. Esta situação suscita uma importante pergunta para análise: Qual a cadeia de acontecimentos que organiza essa repetição e se dá de forma alheia à vontade do sujeito?

Esta pergunta retira o fenômeno do sintoma, quando ocorre dentro de uma análise do lugar de signo (porquê) e o coloca na posição de significante (como) permitindo aos sujeitos (analista e analisando) se confrontarem com o “equivoco preciso” do inconsciente manifesto

que é capaz de revelar o padrão de repetição e a partir daí possibilitar a criação de novas formas de organização e reconfigurações subjetivas. Isso porque, a partir da análise, se espera uma espécie de atualização do inconsciente do analisando.

De acordo com Nasio (2019), o inconsciente é uma cadeia virtual de acontecimentos ou dizeres que sabe atualizar-se num dito. No analisando este “dito” pode aparecer como ato falho, chiste, sonho, lapso, sintomas etc e na figura do analista como interpretação. Em suma, o inconsciente é manifesto como linguagem que une os parceiros de uma análise. A relação é a condição da linguagem e a linguagem é a condição da relação. A linguagem, no contexto analítico, une os sujeitos.

Santos (2020) faz uma comparação interessante entre a arte poética e a análise afirmando que a poesia é resultado de um trabalho do sujeito com a letra do inconsciente e que pode funcionar como um significante que represente o sujeito para outro significante do mesmo modo que os significantes produzidos em análise. Para tanto, explica que na poesia assim como na análise, as palavras são atos de afirmação das singularidades e subversão das estruturas e significados pré-concebidos da fala. Assim para Santos (2020, p.56) “a magia iluminante da poesia reside no furo de sentido que só se produz por efeito da inadequação da própria linguagem ao código”.

Se a poesia e a análise têm em comum o poder de convocar o inconsciente a se manifestar e atualizar o sujeito, promovendo novas formas de constituições subjetivas por meio das metáforas e metonímias, o que as diferencia como processos de alívio de sofrimento e tensão?

Geralmente a produção poética é um processo solitário, especialmente no sujeito melancólico, que conforme verificamos no capítulo intitulado “A falha narcísica na constituição do Eu e a tirania do supereu no melancólico” tende a se isolar e a renunciar o desejo. Já o processo analítico é por excelência relacional, onde dois inconscientes estruturados em linguagem, o do analisando e do analista, se encontram criando novos significados às experiências pela fala. Talvez se o contexto de análise for suficientemente seguro e propício poderá tornar a sublimação na análise um fenômeno distinto dos demais diante de um sujeito em intenso sofrimento, permitindo que o seu desejo transite novamente pela vida.

Outra questão merece destaque e diz respeito ao manejo do desamparo quando realizado dentro de uma análise. Conforme verificamos na seção, Freud (1920) nos desdobramentos de sua teoria e da sua prática clínica, concluiu que o desamparo é uma condição humana jamais superada que deve ser permanentemente administrada por meio dos processos simbólicos.



Neste mesmo sentido Henderson (2021) faz uma reflexão muito interessante sobre a importância do reconhecimento da condição de desamparo para o direcionamento do trabalho analítico. O autor, em sua tese de doutorado, a partir da leitura dos textos de Freud, Inibição Sintoma e Angústia (1926), O Futuro de uma Ilusão (1927) e Mal-estar na civilização (1930), demonstra a valiosa contribuição do legado freudiano sobre o conceito de desamparo.

Segundo Henderson (2021) neste trabalhos Freud não tratará mais o desamparo como algo circunstancial, como por exemplo algo que é desencadeado por um trauma e que coloca o sujeito momentaneamente na condição de vulnerabilidade, mas como uma condição insuperável e concreta da existência humana diante de uma vida que não oferece garantias.

Esta concepção traz impactos importantes para clínica, pois se o desamparo não é circunstancial ele, também, não pode ser remediado ou superado pelo "cuidado médico", pelo amparo de um outro. Essa nova noção do desamparo como condição, convoca o indivíduo a sair de sua posição infantil de espera e alienação e assumir o controle sobre seu destino. Assim, a análise assumiria um papel distinto do esperado diante do desamparo, pois ao invés de remediá-lo passaria a sustentar este lugar da indeterminação que ele produz para que o sujeito em análise possa produzir um saber sobre isso e agir para aliviar-se. De acordo com Henderson (2021) a resposta do analista, bem como sua posição, é atravessada não por um ofertar-se como aquele capaz de remediar o desamparo, mas por manter esse lugar, que foi instituído pela demanda neurótica, irremediavelmente vazio.

Ao acolher o desamparo e o furo que ele revela, dois efeitos são produzidos: a imprevisibilidade do viver e as infinitas possibilidades que isso proporciona. A linguagem, via trabalho de um analista, expõe com isso sua condição de desamparo, ao mesmo tempo em que abre possibilidades inéditas para os sentidos, os atos e laços exilados da neurose. (HENDERSON, 2021, p. 11).

Assim, o desamparo como condição humana, também é condição para o exercício da liberdade, para produção de novos sentidos, bem como para novas formas de se relacionar e amar. Henderson (2021) afirma que quando o sujeito aceita que é capaz de se relacionar com o indomável e aproximar-se mais desse estranho que habita em nós e no outro, sem precisar recorrer a um salvador ou a um falso refúgio liberta-se da sujeição a um Outro. A análise nos permitiria nos libertar destas relações de poder, mas também de nos abrir para a dimensão da indeterminação do viver.

O horizonte da cura analítica implica em uma desarticulação dessa sujeição que aturde, faz sintoma, inibe, angústia. Que está presente na relação do sujeito com o outro, com seus ideais, com o supereu, com o Eu, com o Senhor, com suas ilusões.

Implica a conscientização de que esse *modus operandi* infantil inconsciente, além de construir formas de sofrimento, não é capaz de fornecer o remédio que garanta o caminho da realização plena dos desejos. Por efeito desse longo trabalho de desilusão, de confronto gradual com a condição do desamparo, o sujeito poderá reconhecer concomitantemente uma outra exigência que marca o seu destino, exigência que não é possível de ser esgotada: a força indomável presente na pulsão. Diante da qual poderá ousar uma criação. (HENDERSON, 2021, p. 18).

Henderson (2021) propõe um percurso para o trabalho de análise em que o reconhecimento e a gestão da condição de desamparo é central. Neste percurso, inicialmente o trabalho passaria por uma desilusão, ou seja, uma desconstrução dos sentidos conscientes, dos modelos infantis e das ilusões. Neste processo inicial procura-se neutralizar as investidas ofensivas do supereu e a tendência à servidão do Eu neurótico frente a um Outro onipotente e castrador. Por outro lado, Henderson (2021) esclarece que este processo de confronto do sujeito com o desamparo se dê de forma lenta e gradual em um processo de alternância da experiência de desilusão e reconciliação. A reconciliação passaria pela criação de novos sentidos por meio dos recursos simbólicos, reconstrução dos laços afetivos e manifestação dos desejos inconscientes.

Nesta dinâmica do trabalho de análise, produz-se um novo sentido para o desamparo que passa a ser encarado como uma via por onde inevitavelmente temos que transitar, que a experiência de angústia é insuperável, mas que frente a esta incerteza é sempre possível criar um novo saber e um novo agir que nos ajude a melhor gerir esta condição e não tentar dominá-la.

Para Henderson (2021) uma análise que leve ao confronto direto com o desamparo sem a alternância entre o processo lento de desilusão e reconciliação, produz resultados e saídas que intensificam o medo e sua contrapartida, a esperança, empurra o sujeito ao desespero, a depressão, solidificando as ilusões, os ideais, o narcisismo e a solidão, produzindo subjetividades com montagens perversas, melancólicas ou desesperadas.

Esse aspecto é importante para se pensar as diferenças entre os processos sublimatórios fora e dentro do contexto analítico. Como vimos, o escritor criativo tende muitas vezes ao confronto radical com a realidade e com desamparo e isso desencadeia elementos destrutivos que podem levá-lo ao desespero e à melancolia. Neste sentido, acredita-se que o trabalho analítico pode ser muito importante ao permitir o contato mais lento e gradual com a desilusão e, principalmente, sua alternância com a reconciliação, abrindo a possibilidade de novas construções subjetivas e a gestão do desamparo frente a realidade que o desola.

### 2.3. A Biografia de Torquato Neto.

Torquato Pereira de Araújo Neto foi um importante integrante do movimento marginal da poesia brasileira e da contracultura que, ao lado de artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Hélio Oiticica, usou seu processo criativo para fazer oposição à segunda Ditadura Militar que assolava o Brasil. Com sua escrita singular, caracterizada por uma intensidade arrasadora, a presença de um espírito trágico, produziu versos únicos e desconcertantes, por vezes imbuídos de violência e pujança, escancarando suas aflições, suas dores, suas alegrias, confessando o inconfessável, evidenciando a falta, a Coisa.

Torquato nasceu em 9 de novembro de 1944, na cidade de Teresina/PI, em uma família de classe média. Filho do promotor de justiça Heli da Rocha Nunes e Maria Salomé da Cunha Araújo, mais conhecida como dona Saló, professora primária da escola pública. Entre as figuras familiares marcantes na vida do escritor, Vaz (2005), seu biógrafo, destaca a referência da avó materna, dona Sazinha que tinha uma profunda compaixão por pessoas portadoras de deficiência como cegos, surdos, aleijados etc e por quem Torquato demonstrava uma afeto e admiração especial. Posteriormente, denominaria uma revista em que foi editor e criador de “Navilouca” numa alusão à embarcação que na idade média percorria aldeias recolhendo loucos, leprosos ou pessoas rejeitadas, com o propósito de isolá-los da “sociedade sadia”.

Em uma época e contexto geográfico em que a religião católica se afirmava como elemento disciplinador e estruturador, o pai era Kardecista e, por isso, muitas vezes vilipendiado pelos vizinhos, e a mãe católica fervorosa.

O parto de Torquato foi extremamente complicado, não havia cesariana nesta época e o bebê foi tirado à fórceps após uma luta sangrenta que durou mais de uma hora. Segundo Vaz (2005, p.18) “Um movimento acidental acabou provocando um ferimento na cabeça do bebê, que, assim, veio ao mundo sob trauma”. Ao final, Torquato sobreviveu e tomou o nome do avô paterno como batismo. Vale destacar que o parto foi tão devastador que dona Saló levou mais de um ano em tratamento para se recuperar de suas sequelas.

Posteriormente, após um descuido dos pais de Torquato, dona Saló engravidou da menina Rosa Maria (nome da avó paterna), que nascendo muito precocemente veio à óbito pouco tempo depois.

Assim, por força do destino Torquato fora criado como filho único.

O momento histórico em que Torquato nasceu e se desenvolveu, coincide com transformações políticas, sociais e culturais importantes no país. Em 1950, Assis Chateaubriand cria a televisão brasileira com a Rede Tupi, marcando o início da produção da cultura de massa

que propiciaria o surgimento de diversas manifestações culturais, inclusive o Tropicalismo, do qual Torquato é um dos principais expoentes.

Em 1955, após o suicídio de Vargas inicia-se uma fase profunda de instabilidade e disputa política e social, arrefecendo apenas com a eleição de Juscelino Kubitschek e sua proposta de desenvolvimentista. Esse novo clima de otimismo político provocou forte impacto na vida intelectual de Torquato Neto e de toda uma geração. É neste contexto que se desenvolve a arquitetura moderna, a poesia concreta e a bossa nova.

Torquato concluiu o ginásio em 1959 em Teresina, mas sentindo-se sufocado pelo ambiente provinciano da cidade, convenceu os pais a deixá-lo estudar em Salvador sob o pretexto de que iria se preparar para a carreira de diplomacia. A cidade de Salvador vivia uma fase intensa de produção cultural e criatividade, concentrando uma série de artistas como a arquiteta Lina Bo Bardi, Caetano Veloso, Gilberto Gil, o cineasta Glauber Rocha etc.

Nessa época Torquato começou a se fascinar pela obra de Mário de Andrade, Graciliano Ramos, etc e com o movimento nacional-popular.

(...) o aprofundamento na literatura o levou a escrever, ainda em 1961, o ensaio *Arte e Cultura Popular*, publicado em um jornal escolar de Teresina. No texto, utilizava como base o pensamento de Gilberto Freyre para refletir sobre aquilo que, para ele, já parecia urgente: uma transformação da cultura nacional. (LAGE, 2010, p. 19).

De acordo com Vaz (2005) nesta época Torquato ainda resistia e criticava a poesia concreta e os concretistas que posteriormente, após a ruptura com o movimento nacional-popular, se tornariam seus amigos.

Em 1962, o escritor foi para a capital carioca prestar vestibular para o curso de jornalismo. A partir da sua experiência acadêmica inclinou-se aos projetos políticos de esquerda e resistência. Para Lage (2010), era possível identificar naquele momento duas correntes: uma voltada para uma atitude mais “radical” e revolucionária (CPC da UNE<sup>7</sup>), liderada por Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha; e outra, a dos “moderados”, que encontrava respaldo na figura de Carlos Lyra, bossanovista. Torquato identificou-se com CPC da UNE, onde se reunia

---

<sup>7</sup> O Centro Popular de Cultura (CPC) foi um instituto vinculado à União Nacional dos Estudantes (UNE) criado em 1962 na cidade do Rio de Janeiro e extinto pelo golpe militar em 64. Era composto por estudantes e intelectuais de esquerda.

com outros estudantes e intelectuais para refletir sobre as condições do país naquele contexto histórico e discutir propostas de transformação.

Estes anos (entre 1962 e início de 1964) foram marcados por um movimento sem precedentes das lutas sociais e políticas no Brasil, especialmente pelo movimento estudantil, operário e camponês. Contudo, diante dos conflitos entre o Executivo e o Legislativo, que estabeleceu uma política de paralisação e boicote as pautas de governo de João Goulart associado ao pavor das elites oligárquicas que se viam ameaçadas por uma possível insurreição popular e a perda do controle político e econômico do país, em 31 de março de 1964, após um contra-ataque ofensivo aos movimentos populares, apoiado pelos segmentos mais conservadores e por uma classe média autoritária, engendrou-se o golpe militar. Neste período o poder foi usurpado do povo, rasgou-se a constituição federal e as lutas sociais foram jogadas na clandestinidade.

Na manhã de 31 de março de 1964, de acordo com o depoimento de Hélio Silva reunido na biografia do poeta, Torquato por muito pouco não foi preso pelos militares. Neste dia, enquanto dormia na sede da UNE, “foi acordado por Hélio que, aos gritos, informava que o país se encontrava nas mãos dos militares e pedia para que ele abandonasse a sede imediatamente, pois havia o risco de o prédio ser explodido a qualquer momento” (Vaz 2005, p. 52).

Neste período, Torquato começa a fazer uso excessivo de álcool e a despertar um quadro depressivo:

As primeiras alusões ao consumo excessivo de álcool e aos hábitos desregrados também datam desta época, assim como os indícios de profunda depressão. Seu estado psicológico costumava se alternar de forma surpreendente, entre a euforia extrema e a melancolia intensa. (LAGE, 2010, p. 27).

Em 1967, enquanto os militares intensificavam a censura por meio da Lei de Imprensa, Torquato casou-se com Ana Maria Santos Silva e trabalhou como diretor de relações públicas da Philips escrevendo textos para divulgação dos discos. Este mesmo ano é considerado como o ano de gestação da Tropicália.

Lage (2005) destaca a sintonia e importância de Torquato na incubação deste movimento com seguinte trecho:

a coluna “Música Popular” compõe um relevante documento histórico acerca da versão elaborada por Torquato sobre a música brasileira naqueles anos 1960 na medida em que o crítico a utilizou para formular uma proposta de identidade musical nacional – tão contraditória, paradoxal e rica quanto sua própria biografia. (LAGE, 2010, p. 28).

O movimento tropicalista é inaugurado com a exposição de Hélio Oiticica em abril de 1967 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em que uma de suas obras intitulada de “Tropicália” serviu de inspiração para a denominação do movimento, da música de Caetano Veloso em 1968 e do disco Tropicália ou *Panis et Circencis* lançado em 1968 em que há duas contribuições de Torquato: A faixa nº 6 “Geleia Geral” e “Mamãe Coragem” faixa nº 10.

De acordo com Lage (2010) o Tropicalismo estremeceu as estruturas sociais e culturais no Brasil de forma definitiva. Trata-se de movimento que assimila e admite as contradições da modernização, do capital e a complexidade da realidade.

Torquato encarnava bem esta multiplicidade de possibilidades, produzindo e deixando sua marca por diversas linguagens e suportes (imprensa, cinema, literatura, teatro, música, etc). Ainda entre 1967 e 1968, Torquato se anima para o “primeiro programa Tropicalista” da TV trabalhando como roteirista juntamente com Capinam. Em setembro de 1967, a canção “Sabiá” de Tom Jobim e Chico Buarque vence o Festival de Música sob protesto do público que queria que a canção de Geraldo Vandré “Pra não dizer que não falei de flores” se sagra-se vencedora.

No dia 13 de dezembro de 1968, decreta-se o AI-5, e se inicia a fase mais opressora da ditadura militar no país. A censura se intensificou impedindo muitas apresentações de Caetano, Gil, Chico, de Hélio Oiticica e tantos outros. Nesta fase, Torquato não está bem e passa pela sua primeira internação devido aos excessos alcoólicos em São Paulo.

Em 1969 o general Médici assume o poder, acirrando a censura e a repressão aos seus opositores, incluindo os artistas “marginais”. A resistência civil se intensifica e, conseqüentemente, a repressão militar. Carlos Marighella é assassinado pela polícia e Torquato vai para o exílio em Paris.

Em 1970 retorna ao Brasil e firma residência no Rio. De acordo com Lage (2010) nesta época surgem publicações alternativas com o objetivo de combater a censura, uma delas é o jornal “Flor do Mal” para qual Ana Maria colaborava.

Neste mesmo ano nasce Thiago, o filho de Torquato com Ana Maria e pouco tempo depois, o escritor seria internado no Sanatório de Botafogo. Depois de algum tempo internado foge do sanatório e fica vagando pelas ruas do bairro. Ainda em 1970, segundo Vaz (2005), um quadro de esquizofrenia e alcoolismo, levou Torquato a mais duas internações. Em 1971, enquanto escreve para jornais alternativos luta contra a depressão.

Em 1972, segundo Lage (2010) encerra a coluna Geléia Geral e “Empenha-se em reunir instrumentos do movimento alternativo para a Naviloca e, entre amigos, declara o desejo de reunir seus escritos em livro denominado - Do lado de dentro”. Vai à Teresina para sua última internação.

Em 10 de novembro de 1972, Torquato em sua festa de aniversário de 28 anos, fecha a porta do banheiro do apartamento onde morava, veda as saídas de ar e abre o gás do aquecedor deixando o seguinte bilhete de despedida:

atesto q FICO

Não consigo acompanhar o progresso de minha mulher ou sou uma grande múmia que só pensa em múmias mesmo vivas e lindas feito a minha mulher em sua louca disparada para o progresso. Tenho saudades como os cariocas do tempo em que me sentia e achava que era um guia de cegos. Depois começaram a ver e enquanto me contorcias de dores o cacho de banana caía.

De modo q FICO

sossegado por aqui mesmo enquanto dure.

Ana é uma SANTA

de véu e grinalda com um palhaço empacotado ao lado.

Não acredito em amor de múmias e é por isso

que eu

FICO

E vou ficando por causa de este

AMOR

Pra mim, chega.

Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o

Thiago. Ele pode acordar.

(NETO, 1972 *apud* VAZ 2005, p. 200).

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a instabilidade política alcançando o ápice, são as imagens “insanas” de loucura as únicas capazes de serem fiéis à realidade em pleno estado de desencanto. (VELOSO, 1997, p.342 ).

#### 3.1. A morte como mote e resistência.

É curioso observar a recorrência com que a morte e o desatino estão presentes na produção de Torquato Neto. Ao ler a obra do escritor nos deparamos frequentemente com a imagem do grotesco, do bizarro, talvez pelo contexto de opressão e morte em que estava inserido durante a ditadura militar no Brasil. Neste período muitos homens e mulheres foram assassinados pelo regime porque não se encaixavam, por não poderem simplesmente se submeter a (des)ordem imposta pela força bruta e truculência.

Torquato foi um escritor da resistência, opunha-se contra a aridez do regime como um “mandacaru” que espeta, mas cumula no interior vida e frescor, afirmando-se como um porta-voz da liberdade, provocando e apontando as contradições inerentes à (des)ordem estabelecida e à fragilidade da ideologia predominante.

Quando eu nasci  
Um anjo louco muito louco  
Veio ler minha mão  
Não era um anjo barroco  
Era um anjo muito louco, torto  
Com asas de avião  
Eis que esse anjo me disse  
Apertando a minha mão  
Vai bicho desafinar  
O coro dos contentes.  
(NETO, Let's play That 2017, p. 39).

Para o escritor, a poesia, a música e sua escrita não eram apenas uma expressão artística, mas instrumentos políticos capazes de tensionar e confrontar as restrições de existência impostas pelo regime militar e pela moralidade conservadora. De acordo com Rost (2017) consideradas um ato de loucura durante a ditadura, as opiniões explosivas passaram a fazer cada vez mais parte do repertório de Torquato, mostrando toda aquela explosão tropicalista na ânsia por uma ruptura poética.



A propósito, Tropicália é o nome da instalação de Hélio Oiticica de 1967, inspirada na arquitetura das favelas da Mangueira, como uma espécie de alegoria do processo de modernização e miscigenação brasileiro, denunciando as desigualdades e contradições deste processo:

A Tropicália, veio contribuir fortemente para essa objetivação de uma imagem brasileira total, (...) na verdade quis eu com a Tropicália criar o mito da miscigenação – somos negros, índios, brancos, tudo ao mesmo tempo – nossa cultura nada tem a ver com a européia, apesar de estar até hoje a ela submetida (...). é a proposição da liberdade máxima individual como meio único capaz de vencer essa estrutura de domínio e consumo cultural alienado. (OITICICA, 1972 *apud* ROST, 2017, p.60).

Com Tropicália, Oiticica nos apresenta uma representação do subdesenvolvimento brasileiro inserido no próprio processo de modernização consolidado pela política econômica da ditadura militar com apoio da sociedade civil conservadora.

Eu, brasileiro, confesso  
 Minha culpa, meu pecado  
 Meu sonho desesperado  
 Meu bem guardado segredo  
 Minha aflição.  
 Eu, brasileiro, confesso  
 Minha culpa, meu degredo  
 Pão seco de cada dia  
 Tropical melancolia  
 Negra solidão.  
 Aqui é o fim do mundo.  
 (NETO, *Marginália II*, 2017, p. 59).

Para Rost (2017) Torquato tinha por desejo discutir a identidade nacional em relação à cultura, a pop art e as vanguardas, revendo a antropofagia modernista de Oswald de Andrade. Segundo a autora, durante a fase da Tropicália, a produção de Torquato é simbiótica, marcada pela fusão entre suas raízes e o moderno. Nas suas letras é notório a presença do sarcasmo tropicalista com a construção de recursos poéticos de imagens bizarras apontando para o futuro desolador que nos esperaria com o processo de modernização e industrialização, que em tese deveria nos salvar, como na canção *Geléia Geral* do álbum “*Panis et circenses*”.

Um poeta desfolha a bandeira / E a manhã tropical se inicia / Resplendente, cadente, fagueira / Num calor girassol com alegria / Na geléia geral brasileira / Que o Jornal do Brasil anuncia / Ano que vem, mês que foi / É bumba iê-iê-iê / É a mesma dança, meu boi / “A alegria é a prova dos nove” / E a tristeza é teu Porto Seguro / Minha terra é onde o Sol é mais limpo / Em Mangueira é onde o Samba é mais puro / Tumbadora na selva-selvagem / Pindorama, país do futuro / Ano que vem, mês que foi / É bumba iê-iê-iê / É a mesma dança, meu boi / É a mesma dança na sala / No Canecão, na TV / E quem não dança não fala / Assiste a tudo e se cala / Não vê no meio da sala / As relíquias do Brasil / Doce mulata malvada / Um LP de Sinatra / Maracujá, mês de abril / Santo barroco baiano / Super poder de paisano / Formi plac e céu de anil / Três

destaques da Portela / Carne seca na janela / Alguém que chora por mim / Um carnaval de verdade / Hospitaleira amizade / Brutalidade, jardim / Plurialva, contente e brejeira / Miss linda Brasil diz: “Bom Dia” / E outra moça também, Carolina / Da janela examina a folia / Salve o lindo pendão dos seus olhos / E a saúde que o olhar irradia / Um poeta desfolha a bandeira / E eu me sinto melhor colorido / Pegu um jato, viajo, arrebento / Com o roteiro do sexto sentido / Faz do morro, pilão de concreto / Tropicália, bananas ao vento. (NETO, Geléia Geral, 2017, p.61 e 62).

### **3.1.1. Tempo de morte e melancolia.**

Antes do Ato Institucional nº 5 de 68, o controle cultural e a mitigação do seu efeito político se dava de forma mais indireta por meio da massificação da produção e da transformação da arte em produto de consumo. Neste período Torquato e outros artistas souberam compreender e deglutir o processo da indústria cultural para difundir suas ideias e ainda conservar certa autenticidade, em que pese o prejuízo do movimento ser transformado em mercadoria a ser consumida pelos mais abastados.

Com a edição do AI5 e o endurecimento da repressão Torquato muda-se para Paris por alguns meses, mas ao retornar para o Brasil, está mais ávido do que nunca e passa a escrever alucinadamente. Escrever é resistir!

Portanto, para entender a melancolia e o suicídio de Torquato, é indispensável considerar o contexto político e social em que estava inserido, a estreiteza entre o externo e o interno, entre a realidade psíquica e a realidade externa, mas sem cometer o erro de estabelecer uma relação de causa e efeito passiva e superficial entre o seu sofrimento e o regime ditatorial, pois, como ressaltado na fundamentação teórica, do ponto de vista psicanalítico a singularidade do sujeito e como ele apreende suas vivências estão no cerne das suas fantasias, da sua experiência simbólica e da passagem ao ato.

Quinet (2015) afirma que Torquato fala ao mesmo tempo de si e do mundo, dando corpo e voz à destruição provocada pela ditadura militar. Mas não devemos nos limitar a interpretar a obra observando o contexto do poeta, pois é preciso levar a análise ao nível da compreensão, ou seja, investigar como o objeto simbólico produzido pelo poeta (enunciado, texto, poesia etc) produz sentido e novas práticas de leitura a partir da teoria na qual se fundamenta este trabalho (psicanálise) e o(s) problema(s) de pesquisa.

No transcurso do tempo e na evolução da obra pode-se observar claramente certa incorporação de melancolia na personalidade de Torquato, produzindo um volume considerável de obras viscerais e introspectivas, mas que escancaram e desnudam a tragédia do seu tempo. Portanto o sujeito não pode ser considerado sem a influência da exterioridade. Orlandi (2015) já chamava atenção de que os sentidos não estão nas palavras, nos textos, mas na sua relação

com a exterioridade, nas condições em que são produzidos, não dependendo só das intenções dos sujeitos. As palavras são apenas pistas, indícios para que o analista do discurso possa inferir/criar sentidos levando em consideração o contexto em que foram ditas, bem como as circunstâncias em que estão produzindo sentido no aqui e agora.

No princípio era o verbo amar.  
 Mas os sentimentos extinguiram-se  
 e retesaram-se os membros: não houve amor  
 desde então.  
 Agora, sabemos inútil procurar nos livros a fórmula  
 [derradeira deste verbo.  
 As coisas fizeram-se lúcidas  
 notou-se o fato  
 e sentiu-se medo.  
 (NETO, Posição de ficar, 1982).

### 3.1.2. Morte com hora marcada?

Nota-se que a temática da disilusão e da morte estão frequentemente presentes na obra de Torquato, primeiramente de forma metafórica e figurativa, depois denunciativa e derradeiramente como um presságio ou anúncio do seu próprio suicídio.

É no exaspero de sua escrita funesta e insuportavelmente sóbria que Torquato denuncia a barbárie que nos cerca. E porque não pensar que sua escrita, visto que se dirigia ao Outro seja como leitor, ouvinte ou espectador, além de denunciativa também seria um pedido de socorro, visto que a presença da morte é um mote constante em sua obra e em determinado momento parece ser a condição. A Mo(r)te é quase indispensável, o último véu a ser tirado e é deste hiato que o poeta pretende perigosamente arrancar a sua vida:

A morte não pede vingança  
 Beija e balança  
 E atrás dessa reticência  
 Queremos  
 Quero viver.  
 (NETO, Andarandei, 2017, p. 94).

Quinet (2015) afirma que Torquato é um poeta da existência, mas de uma existência que considera e conjuga o tempo da finitude, assim, a morte se afirmaria para o poeta como uma condição para se estar vivo.

É lua nova  
 É noite derradeira  
 Vou passar a vida inteira  
 Esperando por você

(NETO, Lua nova, 2017, p. 93).

Neste sentido, não é exagero pensar a morte como o último tributo a si, vez que ao flertar com ela através da escrita, Torquato se torna vítima da sua própria criação e ao se deparar com os limites da linguagem e dos seus processos sublimatórios e, na impossibilidade de fruição e alívio das suas angústias, talvez tenha encontrado na morte o seu último refúgio, não como um pecado irremediável, mas como um direito, um ato de libertação de um sujeito que não encontrou outra saída no mundo. Quinet (2015) afirma que o equilíbrio entre o desejo de viver (pela arte) e o desejo de morrer é rompido quando o repertório de Torquato entra em falência.

Desde que eu saí de casa  
 Trouxe a viagem da volta  
 Gravada na minha mão  
 Enterrada no umbigo  
 Dentro e foram assim comigo  
 Minha própria condução  
 Todo dia é o dia dela  
 Pode não ser pode ser  
 Abro a porta e a janela  
 Todo dia é dia D  
 Há urubus no telhado  
 E a carne seca é servida  
 Escorpião encravado na sua própria ferida  
 Não escapa, só escapo pela porta de saída  
 Todo dia é mesmo dia  
 De amar-te e a morte morrer  
 Todo dia é mais dia, menos dia  
 É dia D.

(NETO, Todo dia é dia D, 2017, p. 57).

Há na escrita de Torquato um claro comprometimento com a morte, mas o autor vacila entre a aceitação e a recusa, revelando sua posição ambígua frente a esta perspectiva que considerava inevitável:

Sentado aqui, escrevendo, paro e vejo bem lá dentro de mim, acesa, a luz que me guia para a destruição. Não tenho vontade de viver, mas eu quero. Não sei por que continuar, mas quero (...) eu preciso conseguir nesta escola os instrumentos que me preservaram e que me desviarão do encontro marcado que é necessário adiar. Tenho passado a vida à procura de deus mas agora não quero mais. (NETO, Diário da internação, 2017, p. 223).

Veja que enquanto o Eu consciente quer viver, há uma força que o impele à morte. E neste dilema existencial a obra de Torquato vai revelando sua dor e desespero de não poder se encaixar, de não admitir-se como conformado. A sua morte, de certa forma, é afirmação de vida, da sua individualidade num contexto que tentava negá-la.

Faço força em esconder o sentimento  
do mundo triste e feio que eu vejo.  
Tento esconder de todos o desejo  
que eu não sinto em viver todo o momento.  
Que passa. Mas que nunca passa inteiro.  
Deixa comigo o rosto da lembrança  
e o fantasma de só desesperança  
que me empurra e de mim me faz obreiro  
de sonhos. Faço força em esconder  
do mundo, a dor, a mágoa e a cabeça  
que pensa tão somente em não viver.  
Faço força mas sei que não consigo  
e em versos integral eu me derramo  
para depois sofrer. E então, prossigo.  
(NETO, Soneto da contradição enorme, 2017, p. 98).

A opção de retirar-se da vida não significa necessariamente o fim da sua existência, pelo contrário, o autoextermínio pode representar uma tentativa de inscrição de uma marca simbólica permanente na fantasia dos que em vida permanecem. Talvez o suicídio de Torquato possa ser entendido como uma forma radical de afirmação de existência e sobretudo de resistência às imposições do regime ditatorial e do capitalismo que a tudo queria dobrar e conformar, transformando seres humanos em zumbis. Torquato não se rende, seu suicídio pode ser pensado como um último ato de resistência à morte em vida.

Na vida e obra de Torquato, a morte encarna novo sentido e passa a representar a liberdade e a justiça. Contudo, a alegoria não é capaz de afugentar o terror incognoscível e a angústia que a morte também representa e que o poeta não parece negar:

Vou pra não voltar  
E aonde quer que eu vá  
Sei que vou sozinho  
Tão sozinho amor  
Nem é bom pensar  
Que eu não volto mais  
Desse meu caminho.  
(NETO, Pra dizer adeus, 2017, p. 90).

### **3.2. A palavra e a coisa.**

E nessa hiância entre a palavra e a coisa pretendendo dar conta de um ambiente insuportável de violência e repressão, que a arte de Torquato realiza dois movimentos fundamentais: Orientar a pulsão recalcada para objetos não sexuais como proposto por Freud (1917) e apontar para experiência da falta como sugere Lacan (1959).

No tocante ao primeiro movimento, é preciso pensar que o Ideal do Eu é sempre uma referência que orienta os processos sublimatórios, pois representam determinados valores sociais e culturais compartilhados que permitem que as pulsões sexuais sejam materializadas em objetos e novas formas significantes apreensíveis pelo Outro. Lembrando que de acordo com Mendes *et al.* (2014), na fase do narcisismo secundário o Eu, a fim de reconquistar o amor perfeito outrora vivido na fase de narcisismo primário, vai buscar no Outro, ou seja, no Ideal de Eu, os atributos para se constituir. Nesta fase narcísica o Eu se experimenta através do Outro, pois a imagem do Eu torna-se um composto de imagens do Outro.

Para Nasio (1997) é nessa imagem do Outro que o sujeito localiza e reconhece o seu desejo, portanto o desejo do Outro torna-se também o desejo do Eu, o Eu ideal transforma-se no Ideal do Eu, que permite a sua constituição a partir do simbólico pela mediação da linguagem.

Nos desdobramentos da formação do Eu, Nasio (1988) citando Lacan, sugere que o Eu se originaria no espelho, o Outro seria um espelho e a linguagem permitiria uma mediação entre o Eu e o Outro. Mas diante do espelho (Outro) o que o sujeito (Eu) não pode ver é seu próprio olhar e quando tenta fazê-lo, o resto do corpo é ignorado. Isso indica que há sempre um furo, um buraco na imagem do Eu e este furo é o que sustenta o desejo, do Eu e do Outro. Esse furo na imagem podemos pensar o segundo movimento da poesia de Torquato ao que Lacan (1959) denominou como “*Das Ding*” ou simplesmente a Coisa, aquilo que falta, que é indeterminável, destituída de qualquer significação e que, portanto, não pode ser tornada objeto.

Há, na obra de Torquato, uma parte do simbólico que pode ser compartilhado e apreendido pelo Eu e fruído pelo Outro, ou seja, capaz de representar de maneira prazerosa e estética algumas fantasias recalcadas, mas há também uma parcela do real, uma parte do sexual que ela não cobre, que permanece obscuro, hermético, inassimilável e que o próprio poeta reconhecia como um limite da condição humana, como no poema a seguir:

Mas...  
 Se eu pudesse um dia  
 Com as mãos o sol pegar;  
 A lua apertar entre os meus pés  
 E  
 Trêmulo de prazer,  
 Em plena Via Láctea, todos os astros reter comigo,  
 Um gozo frenético e sem fim,  
 Apesar de tanta infelicidade  
 Eu chegaria a ter pena de mim mesmo  
 Pois, indiscutivelmente,  
 Eu estaria louco,  
 Demente!  
 (NETO, Desejo, 2017, p. 98).

De acordo com a visão lacaniana (1969), o processo criativo no campo das artes resultaria em um objeto Coisa “*Das Ding*”, que representaria exatamente o que nos falta e é comum aos homens, um objeto irresistível, mas despojado de qualquer significado, que provoca naquele que o experimenta uma lembrança obscura sem tempo, uma impressão fugidia, uma angústia.

Eu quero ver quem nesta vida me arrasta vida afora.  
 Pois apesar de estar quase certo  
 De que o nada do nada me tirou,  
 No nada me plantou  
 E pro nada me arrasta,  
 Eu quisera perguntar-lhe,  
 Por todas, de uma vêz:  
 Afinal, meu caro, que faço eu aqui?  
 (NETO, *Dúvidas*, 1961 *apud* VAZ, 2005, p. 36-37).

Na perspectiva lacaniana (1969) a sublimação aponta para a função restauradora, mas precária dos processos sublimatórios, pois o que a linguagem pode revelar é sempre a falta. A palavra se mostra insuficiente para conter o transbordamento dos elementos destrutivos presentes na criatividade e na tentativa de se estabelecer uma conexão genuína com o mundo externo. A palavra guarda uma cilada!

Agora não se fala mais  
 toda palavra guarda uma cilada  
 e qualquer gesto é o fim do seu início;  
 os pássaros de sempre cantam nos hospícios  
 cada louco é um exército.  
 (NETO, *Literato cantabile*, 2017, p. 69).

### 3.3. Um ensaio psicanalítico.

Do ponto de vista psicanalítico uma questão merece ser pontuada aqui. O sujeito é atravessado por um desejo nunca plenamente realizado de encontrar a satisfação absoluta. Segundo Nasio (1997) para Freud (1905) este desejo nasce nas zonas erógenas do corpo gerando um estado desprazeroso de tensão psíquica. Quanto maior a repressão ou recalque, maior a tensão e o mal estar. Existem algumas formas de permear o muro do recalque e encontrar alívio através dos atos falhos, dos sonhos, dos chistes, dos lapsos, dos sintomas e também dos processos sublimatórios.

Como já apontado anteriormente, de acordo com Alessandri (2008) o recalque surge a partir da dinâmica do complexo de Édipo, desdobrando-se na ameaça de castração e culminando

no tempo final em que o sujeito renuncia ao desejo incestuoso e aceita a lei da proibição ou a lei do pai para salvar o seu pênis. Esta lei é representada pelo “falo” que assume um lugar de operador simbólico. O falo como operador simbólico passa a guardar características imaginárias e simbólicas e a capacidade de transfigurar-se em quaisquer objeto (objetos de desejo) que se apresentam e se colocam como anteparos entre a experiência subjetiva e o suposto gozo incestuoso absoluto. O falo é o significante da lei que proíbe o incesto e gozo absoluto.

O falo não é o órgão sexual masculino e não é o representante do gozo, pois o gozo não admite ser simbolizado ou representado, mas por sua capacidade de transfigurar-se em objeto de desejo permite que parte da energia inconsciente circule pela vida do sujeito. Nasio (1988) explica que o falo marca a origem do gozo, materializada pelos orifícios erógenos; marca o obstáculo com que se depara o gozo (recalcamento); marca a exteriorização do gozo sob a forma do sintoma, das fantasias ou da ação.

Assim, a consolidação do falo como significante é importante para estrutura neurótica, para que a expectativa do gozo absoluto no real ceda lugar à satisfação relativa, ao desejo (através das nossas fantasias e sintomas), única defesa contra o gozo.

A partir do material analisado é difícil afirmar como se deu a dinâmica edipiana na infância de Torquato Neto, portanto a análise a seguir é meramente hipotética sem um rigoroso compromisso com os fatos.

Vaz (2005) explica que o parto de Torquato foi extremamente complicado, que não havia cesariana nesta época e o bebê foi tirado à fórceps após uma luta sangrenta que durou mais de uma hora. Durante o procedimento, um movimento acidental acabou machucando a cabeça do bebê. Torquato sobreviveu e tomou o nome do avô paterno como batismo. Vale destacar que o parto foi tão devastador que dona Saló levou mais de um ano em tratamento para se recuperar de suas sequelas.

Posteriormente, após um descuido dos pais de Torquato, dona Saló engravidou da menina Rosa Maria (nome da avó paterna), que nascendo muito precocemente veio à óbito pouco tempo depois. Na biografia do poeta não fica claro de que maneira esta fatalidade atingiu sua vida, mas é razoável supor o desencadeamento de algum sentimento de culpa reprimido em Torquato, tendo em vista que o seu parto provocou intenso sofrimento e sequelas físicas na mãe o que pode ter levado à morte de sua irmã nascida prematuramente. Além disso, é interessante pensar nas dinâmicas dos processos identificatórios (os nomes atribuídos às crianças) e sua relação com esta experiência de morte e culpa, visto que Torquato é o nome do pai do seu pai e Rosa Maria da mãe do seu pai.



Lambotte (1996) argui que a falha narcísica na melancolia se situa no nível da constituição da imagem especular, na medida em que ela parece se confundir com um modelo ideal de tamanha rigidez que permanece sempre fora do alcance do sujeito. Daí a necessidade do melancólico de projetar tais traços ideais a um Outro, com o qual possa se identificar.

Quinet (2000) explica que o “ideal do eu” é o traço do Outro que situa o “eu ideal” para o sujeito como aquele objeto imaginário com o qual se identifica. Sendo assim, poderíamos pensar: em que medida esta experiência de identificação e morte poderia ter engendrado processos subjetivos inconscientes? Poderia a irmã ocupar o lugar de um objeto de amor inconsciente perdido e o pai do pai o modelo ideal de insuportável rigidez?

Ainda de acordo com a biografia analisada, os pais do escritor divergiam sobre os métodos de educação empregados ao filho. Segundo Vaz (2005) para Heli, pai de Torquato, “uma boa palmada ajudaria o filho a distinguir o certo do errado”, por outro lado, sua mãe pensava de forma bem distinta. Por exemplo, em uma ocasião em que o pai tentou bater em Torquato, dona Saló reagiu da seguinte forma, conforme relata Vaz (2005, p. 19) “Você pode bater em mim, me dar tapas, mas não coloque as mãos no meu filho. Bater nele jamais”.

Sobre este episódio, é possível esboçar a seguinte reflexão do ponto de vista psicanalítico: Na seção deste trabalho intitulada “A relação entre o delírio de inferioridade freudiano e a forclusão do Nome-do-Pai lacaniana” destacou-se a importância dos três tempos do complexo de Édipo na constituição da subjetividade. Nesta dinâmica, a mãe é valorizada como objeto privilegiado de desejo, e, por isso, tem competência para introduzir o pai como elemento simbólico para criança. De acordo com Alessandri (2018, p.58) “a mãe deve fundar o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, a lei como interdição. Trata-se do pai como a metáfora: Nome-do-Pai”. Como vimos, esta dinâmica primordial é fundamental para constituição do sujeito, sem a introjeção da metáfora paterna o sujeito fica desprovido de um ponto de ancoragem por meio do qual possa conduzir sua ação no mundo e elaborar, simbolicamente, diante de suas representações inconciliáveis e experiências insuportáveis.

Contudo, apenas hipotetizando a partir da fala da mãe, seria possível inferir que o pai talvez tenha sido fundado de forma tibia como mediador do mundo, prevalecendo a “lei da mãe”? Não teria isso comprometido a dinâmica do complexo de Édipo e a configuração do “Eu”?

Ao apresentar este fato, importante destacar que não queremos fazer qualquer apologia à violência como método de educação, não se trata disso. Obviamente não é a repressão violenta que funda a figura paterna como “Lei”, mas a dinâmica do desejo e da falta na tríade: “sujeito

- função materna - função paterna”. É preciso destacar a diferença entre autoridade e autoritarismo, não é a violência ou o autoritarismo que instituem o pai como autoridade ou Lei, existem sempre formas menos traumáticas e mais eficazes para a fundação da metáfora paterna.

Podemos a partir daí nos questionar: Se de alguma forma a metáfora paterna foi foracluída ou debilmente instituída, o que Torquato poderia colocar em seu lugar como sua própria lei?

De acordo com Lacan (1955) quando o significante do Nome-do-Pai é foracluído, os retornos se dão no real e daí resultam os fenômenos típicos da psicose como delírios, alucinações, estados crepusculares etc. Diante do contexto de paralisia e opressão que se encontrava e sem ter a metáfora paterna consolidada para orientar sua conduta, Torquato através da arte procura subverter o Ideal de Eu, a lei simbólica ou qualquer forma de Lei instituída a priori, construindo sua própria metáfora, sua lei é sua escrita e sua escrita é visceralmente desconcertante e antinormativa.

Por outro lado, ao longo da leitura da biografia do autor a impressão que fica é que os pais de Torquato foram compreensivos e amorosos. Na medida do possível se fizeram presentes e apoiaram o filho, portanto seria certamente um equívoco forçar a barra para tentar recortar e encaixar algum aspecto da vida como motivação na teoria psicanalítica da melancolia e suicídio, pois isso representaria a negação da singularidade de Torquato e da autodeterminação do seu destino.

Fazendo uma análise da biografia do autor, é difícil precisar se Torquato sofreu algum trauma psíquico profundo que não foi capaz de simbolizar e que o levou à depressão, honestamente acredito mais na hipótese de microtraumas sucessivos, pequenas fissuras não cicatrizadas pela aridez do contexto em que vivia e que fazia questão de ver com os olhos bem abertos. Pode ser insuportável para o Eu sozinho suportar o peso dos equívocos coletivos.

Torquato viveu em um momento de extrema repressão, de silenciamento das singularidades. Confrontar este contexto de repressão por meio da escrita é uma forma não só de resistência, mas de alívio e satisfação, contudo os processos sublimatórios possuem um efeito limitado de descarga, pois tratam-se de recursos simbólicos, formas de defesa contra o gozo que nos levaria à experiência do desconhecido, do furo.

tudo continua. Continua parado no centro de minhas especulações, e não sei dizer se já consegui me desfazer de qualquer uma delas. Estou morrendo. mais uma vez eu morro soterrado em minhas perplexidades - não sei para o *quê* estou - e deixo andar. é preciso que eu adquira condições que me permitam sobreviver. o que é sobreviver? tenho conseguido sobreviver até aqui, mas...o que vivo, o que consigo escrever, o que posso ir sendo são meus bens. não disponho de outros. o que não sou me mata.(...) só deus pode me salvar, mas eu não conheço deus nem sei onde procurá-lo. disse que

estou morrendo - uma vez mais vivo só pra isso. (NETO, Diário de internação, 2017, p. 225).

É notável neste trecho do diário de Torquato, a sua angústia e toda a sua aposta em seguir vivendo no seu recurso de fala, de linguagem: “o que vivo, o que consigo escrever”. Mas onde a linguagem falha há o apelo ao desconhecido, ao incognoscível, a “um deus que não conheço e não sei onde procurar”. Diante deste buraco só pode vicejar agonia e desamparo.

A psicanálise nos ensina que somos seres habitados e ultrapassados pela linguagem, que nos constitui e também nos antecede e nos transgride. Enquanto falamos o desejo nunca é plenamente satisfeito, pois a linguagem é falível e insuficiente. A fala (simbólico) está sempre nos desviando do caminho do gozo (real), pois sempre abre a possibilidade de uma outra interpretação e leitura da realidade, um novo objetivo, ou objeto de desejo. Usar a palavra é sempre estar diante de um ato falho, incompleto, de parcial satisfação.

Mas a ambiguidade é da natureza da linguagem, pois enquanto o limite da fala nos coloca diante do desejo e de possibilidades infinitas, nos mantendo vivos em permanente errância e relação com o Outro, por outro lado, o seu limite nos coloca também diante da experiência da falta, da insatisfação.

Em tese, o corpo sem fala e sem sujeito é capaz de experimentar o real, o ato perfeito e gozar é ação sem fala e sem relação. A fala mantém vivo o sujeito e o gozo o mata. A linguagem nos une e o corpo em gozo separa.

Assim, Nasio (2022) afirma que para o Eu, a manifestação do inconsciente por meio de um ato falho, do sintoma, da sublimação etc, significa essencialmente padecer de um significante, mas, para o inconsciente, significa desfrutar de uma satisfação, ou seja, por exemplo, as manifestações dos sintomas melancólicos são experimentados tanto como dor quanto como prazer e é pelo efeito libertador/prazeroso do sintoma que o corpo do sujeito em sofrimento “goza parcialmente” e é aí que reside um certo perigo.

Perigo, porque não é sem alguma satisfação que o sujeito melancólico vive o seu exaspero. Na nossa fundamentação teórica, chamamos atenção para a existência de um ato sem representação simbólica, um ato que é puramente corporal (sem linguagem), um ato de morte, pois não se abre para qualquer outra possibilidade, o suicídio.

A morte é um furo no simbólico, escancara os limites da linguagem para dar conta da realidade, não pode ser simbolizada ou compreendida pelo sistema simbólico e para sabê-la é preciso a ela se submeter e embarcar em uma viagem com bilhete só de ida. Assim, quando todos os recursos de fala falham no alívio do sofrimento intenso e do desespero, sempre resta uma saída ao sujeito isolado em seu delírio melancólico, o suicídio.

Durante um período de internação no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, ao saber da morte de Jimi Hendrix, NETO (2017, p. 227) afirma “Toda morte nos comunica uma certa sensação de alívio, de descanso”.

Aqui, considero importante uma reflexão sobre a depressão como uma defesa para um mal maior: a melancolia.

Primeiramente podemos pensar que a tristeza depressiva pode decorrer da perda de uma ilusão relacionada a um objeto de amor fusional. É ilusório porque guarda uma dupla ilusão: O sujeito acredita ser onipotente e invulnerável ao sofrimento, como na afirmação de Torquato em sua carta de despedida, extraída de Neto (1972) *apud* Vaz (2005, p. 200): “Tenho saudades como os cariocas do tempo em que me sentia e achava que era um guia de cegos”.

Depois, é fusional a um objeto de amor, porque sua ilusão narcísica é geralmente sustentada por um Outro que acaba por confirmar (até certo ponto) sua primeira ilusão de onipotência. Por exemplo, um parceiro amoroso que se dedica assiduamente ao sujeito neurótico alimentando sua ilusão de plena felicidade e onipotência, contudo essa dedicação não pode ser sustentada por muito tempo. Uma vez que o parceiro deixe de dedicar-se integralmente à relação, a ilusão é revelada e o sujeito tende a entrar em um quadro de depressão.

Com você perto de mim  
 Na cidade em que me perco  
 Na praça em que me resolvo  
 Na noite da noite escura  
 É lindo ter junto ao corpo  
 Ternura de um corpo manso  
 Na noite da noite escura  
 A coisa mais linda que existe  
 É ter você perto de mim  
 O apartamento, o jornal  
 O pensamento, a navalha  
 A sorte que o vento espalha  
 Essa alegria, o perigo  
 Eu quero tudo contigo  
 Com você perto de mim.  
 (NETO, A coisa mais linda que existe, 2017, p. 88).

Pensar a depressão como a perda de uma ilusão, é pensá-la como uma neurose que se descompensou. Ou seja, é algo dentro de sujeito interno que se perde e fragmenta. Traumas e rupturas que dado a impossibilidade de levantar recursos simbólicos para superá-los, podem levar não só a perda de um objeto de amor, mas a perda de um Eu que se encontrava fundido com este objeto.

Quanto maior a ilusão que dá força para sustentar o que o Eu era, maior será a falência da neurose que sustentava esta ilusão e a depender da queda, sem um suporte adequado, as consequências podem ser irreversíveis.

Além disso, existem outras características típicas da tristeza depressiva, como a presença do ódio e ressentimento. Este ódio não surge à revelia, nasce da sensação de ter sido traído, maltratado ou abandonado pelo objeto amado e também é ódio por si, por se permitir ser tratado desta forma, conforme vimos na fundamentação teórica.

Também vimos que o menosprezo obsessivo e a culpa é uma das características presentes na neurose depressiva. Diante da perspectiva da morte, Torquato pesa a mão verduga da culpa e da autocrítica afirmando em Neto (2017, p. 223): “quando uma pessoa decide morrer, decide, necessariamente, assumir a responsabilidade de ser cruel (...) ser nojento com as pessoas a quem se quer mais bem no mundo”.

Mas o que quero chamar atenção é que todas estas características do depressivo servem como um certa defesa para um desespero maior, o desespero de despersonalização.

A maneira como o sujeito melancólico experimenta seu sofrimento, seu abandono, sua impotência, sua desgraça o define, ou seja, ele sabe que sofre, mas o sofrimento o organiza, pois os sintomas típicos do deprimido (ódio por si, isolamento social, culpa, menosprezo por si, dificuldade de concentração, insônia etc) tudo isso pode ser verbalizado e tornado consciente, passível de ser compreendido, compartilhado, aliviado e transformado.

Nasio (2022) explica que o melancólico é um ser altamente narcísico, mas não porque se ame, mas por estar constantemente fechado em si mesmo em uma espécie de narcisismo negativo, levando-o a se odiar e a ruminar sobre seus fracassos.

Sou solista com alaúde  
e fogo eu sou terrível tível  
eu sou horrível ao nível!  
sim eu sou incrível!  
& cravo! e-u sou o fim da picada  
(NETO, Arena A = Festivaia - GB, 2017, p. 43).

O Eu do neurótico depressivo, apesar de ser disfuncional, permanece organizado em uma cadeia de significantes e significados. Mesmo que o sujeito se perceba como um ser desprezível, ainda sim existe um Eu que faz sentido. A depressão impede o impulso delirante da melancolia que leva o sujeito ao suicídio. Ao referir-se à melancolia, Nasio (2022, p. 49) esclarece que na “melancolia uma parte do Eu do deprimido é expulsa e retorna ao sujeito como um bumerangue sob a forma de uma voz alucinada que o exorta a se matar”. Neste sentido Neto

(2017, p. 223) afirma em seu diário de internação “Sentado aqui, escrevendo, paro e vejo bem lá dentro de mim, acesa, a luz que guia para a destruição”.

A carta de despedida de Torquato (1972) *apud* Vaz (2005, p. 200) de certa forma condensa tudo o que vimos até aqui, começando pelo sentimento de ilusão e desilusão diante da realidade, como apontado por Nasio (2022): “Tenho saudades como os cariocas do tempo em que me sentia e achava que era um guia de cegos. Depois começaram a ver e enquanto me contorcias de dores o cacho de banana caía”.

Em seguida sugere o ato de suicídio como uma afirmação da sua existência simbólica para além da sua existência física, como indicado por Kaufmanner (2005): “De modo q FICO, sossegado por aqui mesmo enquanto dure”.

A auto crítica exagerada e a tendência ao próprio menosprezo do melancólico em razão da ação tirânica do supereu, como proposto por Freud (1917): “Não consigo acompanhar o progresso de minha mulher ou sou uma grande múmia que só pensa em múmias mesmo vivas e lindas feito a minha mulher em sua louca disparada para o progresso, Ana é uma SANTA de véu e grinalda com um palhaço empacotado ao lado”.

O grito de desespero diante do desamparo, da falta revelando a desilusão profunda do poeta com o mundo e a ausência de oportunidade para se reconciliar com o viver: “Pra mim, chega”.

Neste aspecto, vale relembrar a advertência de Henderson (2021), sobre a importância do sujeito transitar entre a desilusão e a reconciliação com o mundo para poder encontrar força e coragem para fruir as inúmeras possibilidades que a falta nos oferece.

Contudo, como observamos no esquema, um confronto direto com o desamparo produzido não pelo manejo, mas pela manipulação ( → ) do D’homensticador, sem o processo lento de desilusão, ou sem o processo de reconciliação, produz saídas que recrudescem o medo e sua contrapartida, a esperança, empurra o sujeito ao desespero, a depressão ou a servidão. (HENDERSON, 2021, P.27).

E mesmo diante do fim pode-se notar a presença da angústia através da preocupação com o filho: “Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o poeta, que fala para a eternidade é, também, capaz de ouvir, peço a Torquato de antemão desculpas por qualquer equívoco exposto neste trabalho, neste exercício de graduando que toca o escuro no escuro. A cada confronto com a obra do poeta e a teoria psicanalítica, tantas questões se abriram, que saio desta empreitada mais distante do que parti de qualquer certeza.

Confesso que lutei muitas vezes contra a minha própria neurose pra liberar e deixar o trabalho fluir, claro que não sem rigor e cuidado. Me senti inúmeras vezes náufrago, alijado do meu Eu-nau e lançado a um oceano sem medida, de forma incerta, imprecisa. Ora me sentindo livre e inspirado, ora angustiado e paralisado.

Mas mesmo lançado neste lugar im-possível, creio que alguns sentidos foram construídos a respeito dos objetivos propostos. Primeiramente, foi uma oportunidade expor minhas questões pessoais, ora traduzidas nos meus problemas de pesquisa. Sempre achei que historicamente houve, e ainda há, uma certa romantização a respeito da vida dos artistas e das almas criativas cujo sofrimento foi negligenciado por serem considerados degenerados ou excêntricos. Isso sempre me incomodou e partindo desta inquietação foi possível fazer uma reflexão sobre o conceito de sublimação e investigar um pouco melhor a eficácia e os seus limites como mecanismo de defesa e alívio. Ao longo deste trabalho, nos deparamos com uma face pouco reconhecida dos processos sublimatórios, face bizarra capaz de, em alguns casos, despertar certos elementos destrutivos que intensificam o sentimento de desilusão e desamparo, provocando mais sofrimento, podendo levar o sujeito criativo ao desespero, a melancolia e a precipitar o suicídio.

No nosso percurso de pesquisa, tentamos encontrar um nó para ligar os fenômenos principais de pesquisa: a melancolia, o suicídio e os processos sublimatórios. Ocorre que desse bordado, outros fios foram surgindo e se embolando, dando uma densidade e dimensão diferente do que se esperava. Desta forma que nos deparamos com outras exigências conceituais como o conceito de significante, sintoma, desamparo, narcisismo, falta, limites da linguagem, inconsciente etc. Procurei fazer o possível que o limite da minha maturidade como pesquisador me permitiu e apresentá-los com clareza e articulação ao leitor.

Para testar as hipóteses iniciais e aquelas que foram surgindo no caminho, foi realizada a análise de uma pequena parte da obra e vida do jornalista, escritor e compositor brasileiro Torquato Neto. Ao estudar o tema e ter o privilégio de ler a obra de Torquato, compartilhar de

sua experiência, creio que pude entender um pouco mais sobre a singularidade do sofrimento psíquico na estrutura melancólica.

Contudo é preciso destacar que, mesmo que a teoria psicanalítica consiga traçar certa arquitetura teórica sobre a formação e origem da melancolia, ela não se encaixa perfeitamente na vida concreta e entendo que este tema continua em aberto, sobretudo para criação de novas propostas de atuação clínica e cuidados a partir do encontro com a singularidade de cada história de sofrimento.

Ao final deste trabalho, saio com a sensação de que de fato o trabalho analítico pode sim fazer a diferença! Que pode se apresentar como uma alternativa para o sujeito criativo que frequentemente mobiliza certa desilusão para desenvolver seu trabalho, permitindo que o confronto com o seu desamparo se dê de forma gradual, em um ambiente seguro, através da alternância entre a experiência de desilusão e reconciliação, possibilitando que certa potência e desejo circule na vida deste sujeito.

em uma análise, o analista não é apenas mais um que oferta o seu ideal de autonomia, ou do desprendimento total do outro, se não ocupa o lugar do Criador, da Providência, da Lei universal, mas, pelo contrário, é capaz de permitir o gradual processo de desilusão, ele será capaz de oportunizar um confronto com a condição do desamparo. Paradoxalmente, desse confronto, o sujeito poderá reconstituir suas possibilidades irreduzíveis de amparo. (HENDERSON, 2021, p. 31).

Ao final, percebo que foi esta esperança no trabalho de análise e no cuidado com o outro que me motivou a realizar esta pesquisa. Entendo que esta pesquisa, no fundo, não é sobre suicídio, mas sobre o desejo de viver! Desejo este que se encontra presente em muitos sujeitos melancólicos com tendência suicida, como era o caso do próprio Torquato que em muitas ocasiões afirmava o seu desejo de seguir em frente como podemos verificar em seu diário de internação do dia 07 de outubro de 1970:

Estou fazendo tempo enquanto os remédios que tomei fazem efeito e vou dormir, este sanatório é diferente dos outros por onde andei - talvez seja o melhor de todos, o único que talvez possa me dar condições de não procurar mais o fim da minha vida. (NETO, Diários de internação, 2017, p. 223).

O desejo de viver era claro em Torquato e neste sentido, acho que a psicanálise pode e deve exercer uma importante contribuição, empregando suas técnicas para levar cuidado e abrir espaços para a subjetivação através de uma escuta que esteja à altura deste sofrimento.

Importante ressaltar que o sujeito melancólico, organizado em seu delírio de inferioridade, certamente não cederá aos cuidados de uma análise sem resistência. Como



afirmou Fink (2018, p. 13) “em algum nível, o indivíduo se compraz com seu sintoma. Aliás, dito de modo geral, essa é a única maneira que ele conhece de obter prazer”. Neste sentido, é indispensável que o analista manifeste seu desejo de que o analisando permaneça em terapia, que sonhe, associe livremente, fantasie etc.

Esse desejo é fundamental para o início e a continuação da análise. De acordo com Fink (2018) quando os analisandos começam a se deparar e a tomar consciência dos seus motivos mais profundos é comum evitarem a terapia. Somente o desejo do analista poderá ajudar a transformar o desejo de não saber do analisando, em desejo de saber.

Enfatizo a importância deste desejo em engajar e manter o analisando no processo terapêutico porque, especialmente no sujeito melancólico com ideação suicida cuja as vias do desejo encontram-se obstruídas, pode significar uma possibilidade de sustentação da vida até que a própria vontade do analisando de seguir em frente, se torne forte o suficiente e decidida.

Por fim, gostaria de encerrar este trabalho com a linda história de Caetano Veloso sobre sua visita ao pai de Torquato Neto em Teresina.

Ele me levou para a casa dele, onde estava sozinho. Torquato era filho único e a mulher dele (Dr. Heli), estava hospitalizada. A casa era cheia de fotografias de Torquato nas paredes. Ficamos os dois sozinhos, ele me consolando. Ele pegou na geladeira uma cajuína, botou em dois copos e não falamos nada. Ficamos os dois chorando. Ele foi no jardim, colheu uma rosa pequenina e me trouxe. E cada coisa que ele fazia eu chorava. Fui para outra cidade do Nordeste, e lá escrevi essa música. (VELOSO, Entrevista, 2014).

Após a visita ao dr. Heli, Caetano compôs a canção Cajuína em homenagem a Torquato.

Existirmos a que será que se destina?  
 Pois quando tu me deste a rosa pequenina  
 Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina  
 Do menino infeliz não se nos ilumina  
 Tampouco turva-se a lágrima nordestina  
 Apenas a matéria vida era tão fina  
 E éramos olharmo-nos intacta retina  
 A cajuína cristalina em Teresina.  
 (VELOSO, Cajuína, 1979).

De certa forma é assim que deve ser o desejo do analista: puro e cristalino como cajuína, delicado e franco como a oferta de uma rosa em um gesto sincero de acolhimento e empatia diante do desamparo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRI, S. M. B. *Um estudo psicanalítico acerca do suicídio por meio de Sylvia Plath*. 2008. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

ANJOS, A. O. *A morte da Obra de Torquato Neto: uma análise semiótica*. 2000. Dissertação de mestrado pelo departamento de linguística da USP. São Paulo, 2000.

BIRMAN, Joel. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro. V. 15 (Suplemento), p. 203 – 224, 2005.

BOMFIM, Flávia. Perspectivas sobre o escrito lacaniano: “a significação do falo”. *Analytica*. São João del-Rei, v. 3. n. 5. p. 157-182, dez. 2014.

CARVALHO, Ana Cecília. Destruir para recompor: o paradoxo do suicídio. IANNINI, Gilson. (Org.). *Vamos Falar Sobre Suicídio?*. São Paulo: Cult Editora, 2021.

CARVALHO, Ana Cecília. Os limites da Sublimação na Criação Literária. *Estudos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 29, p. 15 – 24, set. 2006.

DUNKER, Christian A pena de Maat e a escuta trágica do suicídio. IANNINI, Gilson. (Org.). *Vamos Falar Sobre Suicídio?*. São Paulo: Cult Editora, 2021.

FERREIRA, Maria Cristina. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n. 1, p. 69-75, jun. 2005.

FINK, Bruce. *Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. 2018

FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, 1996. (Originalmente publicado em 1910).

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O caso Dora” e Outros Textos (1901-1905))*. São Paulo: Companhia das Letras, v.6, 2016. (Originalmente publicado em 1905).

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, v.12, 2010. (Originalmente publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. *A psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos (1901)*. Companhia das Letras, v.5, 2021. (Originalmente publicado em 1901).

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, v.12, 2010. (Originalmente publicado em 1917)

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917 - 1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, v.14, 2010. (Originalmente publicado em 1920)

FREUD, Sigmund. *O Eu e o ID, “Autobiografia” e Outros Textos (1923 - 1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, v.16, 2010. (Originalmente publicado em 1923)

GESSINGER, H. Entrevista disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=EH06XB0\\_LmI](https://www.youtube.com/watch?v=EH06XB0_LmI). Acesso em: 08 de outubro de 2022.

HENDERSON, Guilherme. A afirmação da vida até na morte: O teatro de Zé Celso e a psicanálise lacaniana. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 4, p. 4, nov. 2017.

HENDERSON, G. *A condição do desamparo e a vida comum: um horizonte na cura psicanalítica*. Dissertação de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, 2021.

KAUFMANNER, Henri. A vida um ato por um fio. IANNINI, Gilson. (Org.). *Vamos Falar Sobre Suicídio?*. São Paulo: Cult Editora, 2021.

LACAN, Jacques. Introdução à Questão das Psicoses. In: LACAN, Jacques. *As psicoses (Livro 3)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (Originalmente publicado em 1955-1956).

LACAN, Jacques. Das Ding. In: LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise (Livro 7)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (Originalmente publicado em 1959)

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Originalmente publicado em 1958).

- LACAN, Jacques. O Sujeito e o Outro (I): A alienação. In: LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (Livro 11)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (Originalmente publicado em 1964).
- LAGE, P. *A Poética de Torquato Neto: Tradição, Ruptura e Utopia*. Dissertação de mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- LAMBOTTE, Marie-Claude. *O discurso melancólico*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean; Tradução de Pedro Tamen. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- LIMA, Katiane; APEL, Nauana; OLIVEIRA, Ana. O inconsciente de Freud a Lacan. *Akrópolis Umuarama*, v. 24, n. 2, p. 95-112, dez. 2016.
- MARICONI, Italo. (Org). *Torquato Neto essencial*. São Paulo: Ed. Autêntica, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- KAREN, Kukil (Org). *Os Diário de Sylvia Plath (1950 - 192)*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- MENDES, Elzilaine *et al.* Melancolia e Depressão: Um Estudo Psicanalítico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. São Paulo, Vol. 30, n. 4, p. 423-431, dez. 2014.
- MINAYO, Maria (Org). *Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MINERBO, Marion e FIGUEIREDO, Luís. Pesquisa em Psicanálise: Algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), p. 257-278, jun. 2006.
- NASIO, Juan. *Cinco lições sobre a teoria de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- NASIO, Juan. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- NASIO, Juan. *A depressão é a perda de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- NASIO, Juan. *Sim, a psicanálise cura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

OITICICA, Hélio. *Cosmococa*. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso*. São Paulo: Pontes. 2005.

PÁDUA, Elisabete. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. São Paulo: Papirus, 2004.

QUINET, Antônio. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

QUINET, Antônio. Morro, logo crio - O cógito de Torquato Neto. *Concinnitas*, Rio de Janeiro: ano 16, v 01, número 26, p. 97 – 103. jul. 2015.

ROST, Isis. *O Risco do Berro. Torquato Neto, morte e loucura*, São Luís, 2017.

SAFATLE, Vladimir. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Unesp, 2005.

SANTOS, V. (2020). Do sujeito d'efeito da linguagem ao efeito poético: Psicanálise e Linguagem. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, ano XII, Ed. 2. p. 46-59, dez. 2020.

SANTOS, T. *A representação da depressão e do suicídio em 13 seasons why*. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, da Universidade de Brasília, 2018.

SILVA, L. *O estatuto do Outro no pensamento de Jacques Lacan*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, 2017.

SYLVIA, Plath. *Poemas de Sylvia Plath*. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça, São Paulo: Iluminuras, 1994.

VAZ, Toninho. *Pra Mim Chega – A Biografia de Torquato Neto*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

VELOSO, C. Entrevista disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/altas-horas/videos/t/programa/v/caetano-veloso-conta-a-historia-da-musica-cajuina/3119899/>.

Acesso em: 15 de junho de 2023.

VELOSO, Caetano. Cajuína. *In: Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: Philips Records, 1979. Lado B. Faixa 3. Disco de Vinil (2:19).

VORCARO, Ângela e LUCERO, Ariana. Do vazio ao objeto: *das Ding* e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. XVI número especial 25-39, abr. 2013.